

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

Reinaldo Aparecido de Oliveira

A regeneração mítica de Augusto Matraga: entre o jagunço, o santo e o outro

**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
EM LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA**

SÃO PAULO

2009

REINALDO APARECIDO DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Crítica Literária, sob a orientação do Prof. Dr. Biagio D'Angelo.

São Paulo

2009

Banca Examinadora:

.....

.....

.....

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Orzino Teodoro de Oliveira e a minha mãe Maria Lourdes Aguiar de Oliveira pelo amor incondicional, paciência, incentivo, proteção, pelo apoio incansável e por acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus e a meu Senhor Jesus, que me deram força, coragem pela dádiva desta realização e por terem cumprido com suas palavras: “Eu irei adiante de ti, e tornarei planos os lugares tortuosos; quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro” (ISAIAS, 45:2).

Aos grandes mestres da Literatura Brasileira, que nos brindam com tanta magia e criatividade.

Ao programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP;

Aos professores com os quais convivi durante o curso de Mestrado e que contribuíram para este trabalho;

Ao Profº Dr. Biagio D’Angelo, em especial, pela confiança, respeito e paciência;

Aos professores que integraram a Banca Examinadora desta pesquisa, pela inestimável e competente colaboração e amável receptividade;

À secretária do Programa de Literatura e Crítica Literária, Ana Albertina, pelas palavras de incentivo, nos momentos de angústias e pelo carinho com que sempre me atendeu;

À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo pelo apoio à pesquisa através da concessão de bolsa de estudo;

A todos aqueles que direta e indiretamente participaram da viagem pelos espaços abismais da literatura, que acreditaram e torceram por mim.

EPÍGRAFE

Quando escrevo, repito o que já vivi antes. E para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente. Em outras palavras, gostaria de ser um crocodilo vivendo no rio São Francisco. Gostaria de ser um crocodilo porque amo os grandes rios, pois são profundos como a alma de um homem. Na superfície são muito vivazes e claros, mas nas profundezas são tranqüilos e escuros como o sofrimento dos homens.

(João Guimarães Rosa)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo investigar a construção das identidades assumidas pela personagem Augusto Matraga, no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa (1946). Para possibilitar uma maior compreensão da dualidade do protagonista é necessário estabelecer relações entre ele e o meio em que vive (o sertão), fazer comparações entre o ser original (eu) e o outro. Para tanto, utilizamos a proposta teórica de Mikhail Bakhtin que destaca que a noção de que o eu não pode ser visto como algo autônomo. Ao contrário, ele é um elemento cuja existência só ganha significação no diálogo que estabelece com outros eus. Por essa razão, a palavra e a linguagem se transformam em um fenômeno que revela que o eu inexistente sem o outro. Outra estudiosa que consideramos, Walnice Nogueira Galvão mostra que a personagem de Augusto Matraga tem uma trajetória ambígua, que reproduz o ciclo mítico-religioso, sempre em conflito entre o bem e o mal. Desse modo, inicialmente se revela e se iguala a um demônio, depois se eleva a santo e, ao final do conto, se torna quase um herói. Enfim, a pesquisa evidenciou-nos, que Guimarães Rosa trabalha a personagem Augusto Matraga como o seu ideal de criação, pois ao criá-la, pretendia mostrar o homem incompleto, que se constrói e reconstrói por meio da interação que estabelece consigo e o outro, frente a uma realidade, também dual.

Palavras-chave: Dualidade do ser. Identidade. Regeneração mítica. Augusto Matraga.

ABSTRACT

The present study aims to investigate the construction of identities assumed by Augusto Matraga character in the tale " A hora e vez de Augusto Matraga " Guimarães Rosa (1946). To enable a greater understanding of the duality of the protagonist is necessary to establish relations between him and the environment he lives in (the backwoods), making comparisons between being original (self) and others. For that, we used the theoretical proposal of Mikhail Bakhtin that highlights the notion that the self can not be seen as something autonomous. Rather, he is an element whose existence only gain significance in establishing dialogue with other selves. For this reason, speech and language become a phenomenon which shows that the self does not exist without the other. Another scholar who we believe, Walnice Nogueira Galvão shows that the character of Augusto Matraga has an ambiguous path, which reproduces the mythical-religious cycle, in constant conflict between good and evil. Thus, initially revealed and equates to a demon, then rises to a saint and at the end of the tale becomes almost a hero. Finally, the research showed us that Guimarães Rosa works the character Augusto Matraga as its ideal of creation because when you create it, purported to show the man incomplete, that is constructed and reconstructed through interaction that establishing himself and the other face a reality, also dual.

Keywords: Duality of being. Identity. Regeneration mythical. Augusto Matraga.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM AUGUSTO MATRAGA	16
1.1. A Dualidade do ser	19
1.2. A Originalidade do ser	22
1.3. A Transformação do ser (o outro)	26
CAPÍTULO II	
ENTRE O JAGUNÇO E O SANTO	45
2.1. O jagunço	45
2.2. O santo	47
2.3. O outro (dentro de si)	87
CONCLUSÃO	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

INTRODUÇÃO

Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

(Mateus 11:29)

O escritor brasileiro João Guimarães Rosa destaca-se como um dos escritores mais estudados no âmbito acadêmico, na moderna literatura brasileira. Suas obras foram traduzidas para diversas línguas e também adaptadas para o cinema em longas-metragens, como *A hora e vez de Augusto Matraga*, *Duelo*, *Noites do Sertão*, *Cabaré mineiro*, *A terceira margem do rio* e *Estas histórias*. Para o teatro, como *Sarapalha*, *Meu tio Iauaretê*, e para a televisão, a série *Diadorim*. Trabalhos esses que não alcançaram o grande público, apesar de terem encontrado o apoio da mídia em sua divulgação, devido à grande complexidade de sua temática.

O que chama a atenção, em uma primeira leitura da obra rosiana, é o caráter enigmático, o fator surpresa na resolução de conflitos sociais e internos, levando sempre a novas perspectivas e saídas para o ser humano, qualidades essas que se transformam na fonte inesgotável de renovação de sua escritura. Em uma primeira leitura de sua obra, o leitor se sensibiliza com o tema, em outras palavras, para desvendar seus mistérios; para tanto, é necessário penetrar no sentido profundo do texto. Dessa forma, o texto rosiano indica que pode ser analisado sob diversos ângulos: sociológico, ético, linguístico, psicológico, estilístico ou mítico.

Assim, o objetivo deste trabalho é uma análise do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, publicado originalmente no volume *Sagarana*, de 1946. O objetivo

é refletir sobre o modo como o autor do conto, João Guimarães Rosa, concebeu seu personagem e de quais estratégias se teria valido na construção do texto e de um ser tão instigante quanto Augusto Matraga.

De uma coisa, porém, podemos estar convictos: homem de vasta erudição que era, João Guimarães Rosa, certamente, dela lançou mão ao conceber o que seria Augusto Matraga. Isso sem mencionar a intertextualidade que permeia todo o enredo e o trabalho com os paradoxos. No começo do conto, o leitor é levado a ter uma impressão perfeitamente fechada dos atos de Augusto. No meio do texto, essa percepção muda de foco, mas, ainda sim, permanece fechada numa categoria estanque de personalidade. Entretanto, no momento em que o protagonista ressurgue, o leitor já não tem certeza sobre qual lado da moeda está sendo defendido.

Seria Matraga homem cem por cento mau ou cento por cento bom?

A resposta para essa questão exige um mínimo de complexidade de raciocínio. Complexidade que passa pelos caminhos trilhados pelo personagem no desenrolar da narrativa. Em suas peripécias, Augusto é um esbanjador e dado a arrumar confusões na juventude; depois de adulto, passa a ser conhecido como Nhô Augusto, homem respeitado, assassino, perigoso, a maltratando a todos a seu bel prazer; vive um período no anonimato e na vida beata, após ter sido despojado de seus bens materiais e de sua honra, com a fuga da mulher com outro, e, ainda, sido surrado pelos capangas do Major Consilva, um adversário local, e, finalmente, ressurgue em sua máxima força ao se defrontar com um jagunço, seu Joãozinho Bem-Bem, no intuito de impedir que este dizimasse uma família. Embora Matraga dê cabo do adversário e morre em seguida.

Não são poucas as interpretações do episódio final a postular ser esta uma prova de que Augusto Matraga é um santo e que a intenção de Guimarães Rosa foi imitar o exemplo dos mártires. Todavia, uma leitura que se detivesse apenas na beatitude de Matraga e em seu sacrifício ao proteger aqueles desconhecidos, estaria anulando todos os atos cometidos por esse homem em seu passado, e Rosa não deixaria de lado as idas e vindas do comportamento de Matraga, contrariando uma importante premissa:

Apagar o passado é arrancar as raízes. E flutuar, sem chão, ao sabor dos ventos da opinião pública, seus modismos, suas leis. É fugir do destino. Do destino de ser fundamento de si mesmo. (DIAS, 1984, p. 243).

Para Bakhtin (2000), a consciência é determinada pelas relações que os homens estabelecem entre si no meio social, através da mediação da linguagem; assim, o eu e o outro constroem, cada qual, um universo de valores que ocorre no plano da alteridade, no qual cada um orienta seus atos.

A construção de uma identidade social, no construto teórico baseia-se em uma visão constante de incompletude, fluidez e numa atitude dialógica perante os discursos e as ideologias que os perpassam, visão esta cheia de complexidades. (BAKHTIN, 2000).

Assim, é na sua relação com o outro, nessa interação que se processa a constituição da consciência, e o ser humano, portanto, constitui-se na e por meio da alteridade, e todos os papéis por ele desempenhados, no mundo social, encontram-se impregnados do discurso de outrem. À medida que essas identidades entram em conflito, são questionadas e analisadas, e o diálogo se torna um espaço para (re) construção de identidades para todos os envolvidos. Logo, não apagaria o passado de Matraga, mesmo porque esse ato talvez não solucionasse a tensão estabelecida

no final do conto. Se Augusto não tivesse sido, outrora, um homem violento e experiente em brigas, ele não teria as condições necessárias para enfrentar em uma luta um oponente do porte de Joãozinho Bem-Bem, um matador profissional.

No entanto, em que medida se daria essa mudança na personagem Augusto Matraga? Em sua breve passagem por este mundo e no eterno jogo de começos e recomeços de trajetórias de vida, como o homem poderia alcançar o equilíbrio e ser bem sucedido na tarefa de encontrar a si mesmo como pessoa?

Isso nos remete, pois, a procurar indícios dessas idas e vindas ao longo da história de Augusto Matraga. Interessa-nos, pois, não só a compreensão dos conflitos que ele vive, mas também entender a ligação entre seguir o bando de Joãozinho Bem-Bem, ou não, decisão tomada ao término da fase beata, bem como a procura de sua hora e de sua vez, residindo, aí, um importante componente: o da predestinação. Quais seriam os indícios de ser Matraga uma pessoa predestinada em meio a tantos conflitos interiores?

Para tentar responder a essas e a outras questões surgidas ao longo do processo de análise do objeto de estudos, estruturamos este trabalho em dois capítulos.

No primeiro capítulo, faremos uma abordagem teórica da construção do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, seguida de uma introdução dos elementos conflituosos vivenciados por Matraga presentes na concepção literária de João Guimarães Rosa. Neste sentido, pretendemos demonstrar a relação da personagem Augusto Matraga com a obra rosiana.

O segundo capítulo consistirá de um levantamento de autores, como Walnice Nogueira Galvão (1978), Paulo César Carneiro Lopes (1997), Maria Sylvia de Carvalho Franco (1975), Renato Janine Ribeiro (2001), Enelita de Souza Freitas

(2003) e Elsa Oliveira Dias (1984), que estudaram o conto *A hora e vez de Augusto Matraga* (considerado por muitos como uma das mais importantes obras que João Guimarães Rosa produziu). Acreditamos ser uma contribuição relevante para esta pesquisa reunir uma fortuna crítica que seja capaz de ajudar a esclarecer como a ambiguidade humana está presente ao longo dos vários estágios da trajetória desse personagem tão ímpar na criação de Rosa.

Paralelamente ao trabalho dos estudiosos, procuramos estabelecer parâmetros entre os conflitos da consciência de Matraga e a interpretação dada pelos teóricos, inclusive, utilizaremos a teoria de Mikhail Bakhtin (2000), para analisar a temática da alteridade presente na personagem Augusto Matraga, não esquecendo, porém, de propor uma visão da situação do protagonista. O olhar aqui será para a dualidade e para a construção de uma personalidade predestinada, escolhida como instrumento divino, sem que isso possa sugerir um caráter estanque do personagem. Afinal de contas, "as pessoas [...] vão sempre mudando. Afinam ou desafinam". (ROSA, 1956, p. 20).

Capítulo I

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM AUGUSTO MATRAGA

Uma vida encontra sentido na construção estética somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor.

(*Bakhtin, 2000 – prefácio, Estética da Criação Verbal*)

Em 1937, João Guimarães Rosa, sob o pseudônimo de “Viator” concorreu ao prêmio Humberto de Campos com um volume intitulado *Contos*, que, quase dez anos depois, se transformaria em *Sagarana*.

Sagarana foi publicado em 1946, quando Guimarães Rosa já tinha 38 anos. Foi uma estreia tardia: “comecei a escrever, quando ainda era bastante jovem; mas publiquei muito mais tarde” (ROSA, 1995, p. 69). Esse período de nove anos entre a publicação de *Contos* e a transformação em *Sagarana* foi de grande importância na vida de Rosa, pois corresponde a suas viagens, à sua residência no exterior e, conseqüentemente, à ampliação de conhecimento, de aprofundamento de um aspecto mais universal de sua formação cultural e de uma visão regional mais acurada.

Já no próprio título do livro, a obra *Sagarana* aponta um dos processos de invenção de palavras, característica frequente na obra de Rosa. Com efeito, *Sagarana* é a união de duas palavras: “saga”, radical de origem germânica, que significa lenda, fábula, canto heróico; “rana”, da língua indígena, que significa “à

maneira de”, “à espécie de”. Dessa forma, *Sagarana* quer dizer “à maneira de fábulas”, espécie de saga, e é isso que se tem nas narrativas do livro: aventuras de heróis que não possuem virtudes no início da história, mas se fazem pessoas virtuosas, reabilitando-se, assim, aos olhos do leitor. Cada conto do livro principia-se com uma epígrafe que, de certa forma, sintetiza as narrativas que são buscadas da tradição mineira, de provérbios e cantigas do sertão.

Sagarana mostra que seu autor foi mais que um pesquisador: foi um inventor, um verdadeiro criador da linguagem, com novas palavras e verdadeiras articulações sintáticas. Assim, o autor de *Sagarana* faz um trabalho sonoro e poético em sua obra, dando às suas frases o ritmo do sertão (bruto, direto, candente), como a marcha das boiadas (presente no conto *O burrinho Pedrês*), e, através de expressões usadas pelos jagunços, pelos vaqueiros, pelo povo do sertão, ele procura fixar em *Sagarana* a fala sertaneja por meio de tons populares e medievais.

Nesse livro podemos perceber a capacidade de universalizar o elemento regional, pois nele está

[...] presente a novidade narrativa, a estilização das formas linguísticas tradicionais ou novas, que por vezes deixa em segundo plano a ação dramática dos personagens. E nem por isso o leitor se sentirá logrado, pois penetrará num mundo estilístico novo, mas reconhecidamente nosso, bem brasileiro (BRASIL, 1969, p. 4).

Com a publicação de *Sagarana*, Guimarães Rosa explora o mundo do sertão mineiro, expondo conflitos humanos profundos, o que eleva o regional à força das grandes questões estéticas universais. É significativo o que Guimarães Rosa escreveu, em uma carta a seu amigo e também escritor, João Conde:

[...] Aí, experimentei o meu estilo, como é que estaria. Me agradou. De certo que eu amava a língua. Apenas, não a amo como mãe

severa, mas como a bela amante e companheira. O que eu gostaria de poder fazer (não o que fiz, João Conde!) seria aplicar, no caso, a minha interpretação de uns versos de Paul Éluard:... “o peixe avança nágua, como um dedo numa luva”... Um ideal: precisão, micromilimétrica. É riqueza, oh!, riqueza... Pelo menos, impiedoso, horror ao lugar-comum; que as chapas são pedaços de carne corrompida, são pecados contra o Espírito Santo, são taperas no território do idioma.[...] Bem, resumindo: ficou resolvido que o livro se passaria no interior de Minas Gerais. E compor-se-ia de 12 novelas. Aqui, caro Conde, findava a fase de premeditação. Restava agir. Então, passei horas de dias, fechado no quarto, cantando cantigas sertanejas, dialogando com vaqueiros de velha lembrança, “revedo” paisagens da minha terra, e aboiando para um gado imenso. Quando a máquina esteve pronta, parti. Lembro-me de que foi num domingo, de manhã. O livro foi escrito – quase todo na cama, a lápis, em cadernos de 100 folhas – em sete meses; sete meses de exaltação, de deslumbramento. (Depois, repousou durante dez anos; e, em 1945 foi “retrabalhado”, em cinco meses, cinco meses de reflexão e de lucidez.) (Rosa, 2001, p. 24-25)

O livro *Sagarana* é verdadeiramente inovador e original, pois é a partir dele que se coloca um marco divisor na literatura moderna do Brasil: a experimentação estética, em Rosa, com narrativas marcadamente regionalistas e uma linguagem inovadora e transfigurada, alcançam por meio da figuração do sertão, os questionamentos filosóficos universais.

De fato, o conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, que será o corpus desta pesquisa, e que é o último dos nove contos presentes no livro *Sagarana*, narra as peripécias de um homem peculiar do sertão, com suas criações simbólicas, com a consciência de sua finitude (a morte) e com seu processo de socialização (construção de sua identidade), que são consideradas questões universais.

1.1 A Dualidade do Ser

Segundo Bakhtin (2000), o herói se constrói numa relação com o todo e seus componentes; ele revelará muitos disfarces, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor, pois o artista que luta por uma imagem determinada e estável de um personagem, luta consigo mesmo.

A vida de herói é vivida pelo autor numa categoria de valores diferente daquela que ele conhece em sua própria vida e na vida dos outros. Ele (o autor) deve situar-se fora de si mesmo, olhando pelos olhos do outro, deve tentar compreender e levar em conta aquilo que transcende à nossa própria consciência Bakhtin (2000), ou seja, o que vejo do outro é só o que o outro vê quando se trata de mim. A inter-relação “eu-outro” é irreversível. Assim, um deve identificar-se com o outro e seu sistema de valores; esse é o valor estético da obra: o momento em que me identifico e coloco-me no lugar do outro até que eu me sinta completo (e ao outro, substancialmente).

Nesse sentido, o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória, memória esta que o unifica, capaz de lhe proporcionar um acabamento externo, pois nossa individualidade não existiria se o outro não a criasse, gerando um novo plano de existência: interior e exterior do próprio homem.

Em seu ensaio “Os três Guimarães Rosa”, publicado no livro *O roteiro de Deus: dois ensaios sobre Guimarães Rosa* (1996), Heloisa Vilhena de Araújo observa, no autor de *Grande Sertão*, uma capacidade ímpar de poder ser três personagens ao mesmo tempo. Curiosamente, para a ensaísta, alguns estudiosos da *Divina Comédia* distinguem três “Dantes”: ele como o homem, com sua vida;

como o autor da *Comédia*; e, ainda, como o personagem do poema, sendo guiado pelo inferno e purgatório por Virgílio.

Com base nessa reflexão, podemos comparar o prosador mineiro a Dante, que é visto por Heloísa Vilhena como o Rosa homem, nascido em Codisburgo, o Rosa personagem, que, muitas vezes, compara a si próprio com os tipos que cria, e o Rosa escritor, em sua empreitada de devolver o homem à vida em seu estado original.

Guimarães Rosa, assim como Dante, na leitura comparativa de Heloísa Vilhena, é capaz de esmiuçar aquilo que há de mais secreto na alma humana, complementando a reflexão filosófica com a sua genialidade no trato com as palavras.

O projeto literário de Guimarães Rosa poderia não ser considerado tão genial se não houvesse a junção entre o trato com a linguagem e o exame das diferentes maneiras de agir e ser do homem.

Contudo, o fato de a linguagem ser uma característica fundamental de sua produção, e talvez mais contemplada do que outras, a questão que se pretende abordar nesta análise é a dualidade do homem a partir do exemplo da personagem de Augusto Matraga: um que se aproxima do jagunço, outro que se aproxima do santo e outro dele mesmo. Entendamos por dualidade a coexistência de dois comportamentos simultâneos ou características presentes em uma mesma pessoa: temos como exemplo a existência do bem e do mal, mas não em contraste maniqueísta, ou seja, o indivíduo não é mau em um tempo e bom em outro, mas sofre o conflito do bem e do mal vividos ao mesmo tempo, isto é, existe um Matraga que foi mau e que acaba se redimindo através da morte.

Rosa é um escritor tão singular que, mesmo quando considerado em somente um aspecto, esta dualidade está presente. Ora, se abordarmos a linguagem, temos a impressão de estar esquecendo o ser humano retratado na obra. Se considerarmos o ser humano, a idéia de incompletude também se coloca e não podemos não levar em conta a reinvenção rosiana da língua. Ao mesmo tempo, ao considerarmos apenas o sertão, temos a mesma impressão de que falta algo, porém o interesse aqui será exaltar os conflitos vividos pelos personagens no meio sertanejo, já que eles se dariam em qualquer lugar a servir de cenário.

Diante dessas reflexões, não parece saudável dar por esgotados os estudos sobre uma obra em especial. Tal fenômeno acontece com a maioria dos estudos sobre o objeto específico deste trabalho: o conto *A hora e vez de Augusto Matraga*. A maioria dos teóricos compara o protagonista deste conto a uma espécie de santo, um salvador, o que, coerentemente, não foi na existência humana. Alguns críticos, como Walnice Nogueira Galvão (1978), com efeito, salientam a preocupação de Guimarães Rosa em conferir a Matraga um aspecto de Cristo, um mártir que dá a vida pelos seus semelhantes, embora se assemelhe, às vezes, a um jagunço.

As análises a serem desenvolvidas ao longo deste texto procurará destacar essa leitura, a fim de ilustrar que a personagem Matraga é capaz de fazer qualquer coisa no intuito de salvar sua alma. Poder-se-ia considerar que a obra de Guimarães Rosa representa a dualidade do homem: o homem em seu estado natural, em convívio com o meio e sua história, com seus vícios e suas condutas ou costumes nocivos e condenáveis, e, posteriormente, como representante messiânico alçado a uma condição de homem plenamente regenerado de seus crimes anteriores.

Assim, Matraga é uma pessoa extremamente má no início da narrativa e vai tendo sua natureza, aparentemente, transformada, tornando-se generoso e

morrendo para “proteger” vidas no final do texto. Contudo, o texto rosiano não pode ser lido de modo simplista e linear, pois o trabalho de Rosa, com a alma humana, contém as naturezas de bondade e de maldade convivendo entre si. Em outras palavras, o homem não é nem mau nem bom em totalidade. Dessa forma, considerar dois Matragas, um cem por cento mau – no início da narrativa – e um cem por cento bom – no final, o “messias” que se sacrifica -, acaba deixando de lado o caráter dual de um mesmo homem.

Essa análise, portanto, pretende abordar essa questão e oferecer uma interpretação que não esteja alicerçada em posições estanques. Objetivo, também, é estabelecer ligações do personagem Augusto Matraga com outro arquétipo (Riobaldo, de Grande Sertão: Veredas) de um homem em seu estado natural, tão caro ao projeto literário de João Guimarães Rosa. Para tanto, primeiramente, será discutido o personagem Matraga como fazendo parte de uma construção, um projeto de homem em sua forma natural que perpassa por toda a obra rosiana. Em seguida, far-se-á uma abordagem do conto, realizando uma reflexão sobre o objeto de estudo, calcado na dualidade e nos conflitos interiores, presentes na concepção literária do autor mineiro.

1.2. A Originalidade do Ser

Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – nessa noitinha de novena, num leilão de atrás da igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Muricí (ROSA, 2001, p. 363).

Este é o primeiro parágrafo do conto, em que a narrativa é bastante semelhante a relatos bíblicos, quando, por exemplo, se anuncia que um personagem importante é filho de certa pessoa e provém de determinada localidade.

Matraga é uma pessoa concreta, filho de um coronel (dono de terras no sertão). Esse é o Matraga real (filho), portanto, dependente da identidade do pai, pois recebeu o nome dele no Batismo. Isso demonstra que o sujeito precede ao indivíduo, por isso histórica e socialmente marcada; a personagem é de carne e osso, psicologicamente complexo, existencialmente dilacerado pelos problemas que enfrenta na sua socialização.

Rosa continua na descrição do contexto sertanejo em que vive Matraga:

Procissão entrou, reza acabou. E o leilão andou depressa e se extinguiu, sem graça, porque a gente direita foi saindo embora, quase toda de uma vez.

Mas o leiloeiro ficara na barraca, comendo amêndoas de cartucho e pigarreando de rouco, bloqueado por uma multidão encachada de fim de festa. (ROSA, 2001, p. 363)

Rosa apresenta o protagonista e o cenário ao leitor sem se deter em descrições psicológicas. O que vem depois é a problemática a ser abordada em um quadro típico no trabalho de Guimarães Rosa: um personagem com escassas informações a respeito do seu passado, um homem de quem se sabe pouco; apenas que era filho de um coronel.

Para que o projeto literário rosiano funcione, é absolutamente necessário o despojamento desse homem de tudo o que possa impedir que sua alma seja percebida como de fato é. Num depoimento do próprio autor, o objetivo é: “[...] libertar o homem desse peso, devolver-lhe a vida em sua forma original” (COUTINHO, 1983, p. 84).

Essa tendência de colocar o humano em seu lugar original perpassa pelos demais textos rosianos e não só pela obra *Sagarana*. Observe como é possível ilustrar, por meio desse trecho da *Terceira margem do rio*, sua objetividade e seu despojamento:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. (ROSA, 1962, p.79)

Na verdade, o que interessa para Rosa não é apenas saber quem é o personagem; sua preocupação vai mais além. Para ele, a obra deve ocupar-se da vida, da história da personagem, mostrando seus conflitos, suas angústias íntimas também vinculadas ao contexto social.

Sob esse prisma, o “desvio normativo”, a invenção de palavras, a representação da fala do povo sertanejo de Minas Gerais, enfim, todo o universo ainda tratado por algumas correntes como sendo “regional” criado por Guimarães é parte integrante do projeto de despojamento do homem de qualquer convenção que impeça que se enxergue sua real natureza. A obtenção do homem original, pois, depende de uma linguagem também original, capaz de dizer, parafraseando Williams, em *Many loves* (1961) muito mais do que simples palavras são capazes de dizer. Em síntese: “Escrever seria, [...] portanto, tentar, ao manter-se face a face com o infinito, com Deus, uma volta ao Éden: à língua original e à vida original [...]”. (ARAÚJO, 1996, p. 321).

Nesse universo (sertão) em que o homem original desfilará, sofrerá, se alegrará, se entristecerá, odiará e amará, não terá passado nem futuro e também sofrerá a ação física do tempo. O tempo, nas obras de Rosa, é quase totalmente

psicológico. No conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, raras são as alusões ao tempo cronológico e, quando elas existem, são intencionalmente vagas, como destaca Galvão (1978, p. 64):

O tempo também adquire indeterminação mítica, sendo pouca ou nula a importância da cronologia, predominando os ritmos amplos da natureza e vida interior. Quando há alguma anotação, ela é vaga, quase ritual, como os “seis anos e meio” [...] ou o tempo de espera expresso no ditado: “cada um tem seus seis meses...”

Neste cenário criado, para que o homem seja analisado em suas características mais marcantes, percebemos as preocupações de Guimarães Rosa como escritor moderno, em conceber um homem sem atitudes convencionais, corriqueiras, previsíveis, representado por uma linguagem também sem convenções e livre do efeito físico do tempo, que somente a ficção pode propor. São essas as condições propícias para que o ser humano seja esmiuçado, em toda a sua plenitude, provocando um efeito que varia entre o estranhamento, causado por supostas maldades cometidas por alguns personagens, e a ampla identificação, manifesta por algum ato de renúncia.

Diante de todas essas situações expostas, Guimarães Rosa coloca que nenhum sujeito, por mais paradoxal que isso possa parecer, existe de forma maniqueia, portanto a obra literária imita a dualidade do sujeito, se conformando então como um todo inacabado.

Além disso, é fundamental destacar o interesse do escritor mineiro pelos paradoxos: “[...] a vida, a morte, tudo é, no fundo, paradoxo. Os paradoxos existem para que ainda se possa exprimir algo para o qual não existem palavras”. (COUTINHO, 1983, p. 32). Nesse ponto de vista, o projeto literário rosiano não poderia pretender uma visão acabada de homem. Ao contrário, seus escritos

colocam o homem diante do mais insolúvel de todos os dilemas, sem o qual, paradoxalmente, a vida humana não se configuraria como tal. Em resumo, Guimarães Rosa transmite, como bem salienta Kierkegaard (1979, p. 196), “[...] a incapacidade de, pelas suas próprias forças, o eu conseguir o equilíbrio e o repouso [...]”.

1.3. A Transformação do Ser (o outro)

Na introdução à edição brasileira de “Uivo, Kaddish e outros poemas”, do norte-americano Allen Ginsberg, Willer (1984, p. 14) salienta:

Nota-se, na poesia de Ginsberg e no seu peculiar misticismo, uma busca da síntese, de união de contrários: a consciência intelectual e reflexiva e o inconsciente poético e vital; o descarnado mundo dos signos da linguagem e o mundo concreto da corporiedade e do erotismo; a liberdade individual e a participação social e política. A produção literária de Ginsberg e sua biografia pessoal mostram que ele efetivamente conseguiu chegar a essa síntese de contrários.

Pode parecer estranho citar aquele que é conhecido como um dos pais do movimento *beat*¹ em um trabalho sobre um autor que tratou tão bem das coisas do sertão do Brasil, como Guimarães Rosa. Entretanto, assim como em Allen Ginsberg, a síntese de contrários na obra de Guimarães Rosa atinge o mais alto grau de expressividade e de significados. Rosa, consciente que era do caráter paradoxal da

¹ Estar em movimento. Eis o principal objetivo da Geração Beat, grupo de jovens intelectuais americanos que, em meados dos anos 50, cansados da monotonia da vida ordenada e da idolatria à vida suburbana na América do pós-guerra, resolveram, regados a jazz, drogas, sexo livre e pé-na-estrada, fazer sua própria revolução cultural através da literatura. (<http://educaterra.terra.co..br/literatura/litcont/2003/09/02/000.htm>).

alma humana e um manipulador por excelência de um nível elevado de experiência poética com as palavras, demonstra em Augusto Matraga a salutar convivência do bem contra o mal e, também, todo um sentimento de angústia, medo, culpa e vergonha, originado por uma tomada de consciência do homem que, através de influências dos acontecimentos e do mundo das idéias cristãs, opta por uma dessas forças.

Mais do que isso, Guimarães deixa claro que, sem essa medição de forças, a vida do homem não se configuraria em si mesma, pois o homem em sua essência, está “condenado” a uma eternidade sem dilemas e sem conflitos. Tanto Matraga quanto Riobaldo (*Grande Sertão: Veredas*) não se reduzem a personagens ora totalmente maléfica, ora totalmente benéfica, pelo simples fato de que, como explica Bakhtin (2000), um ser humano privado de sua dualidade é um ser privado de sua própria condição de humano.

Levando-se em conta tais reflexões, parece-nos possível dividir o conto em três momentos: o pecado, a graça e a colocação à prova, opondo-se, claramente, dois tipos de valores e o que eles importam, a honra guerreira e o homem de fé.

A narrativa inicia dizendo que “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves.” [...] (ROSA, 2001, p. 363). Vale ressaltar, logo no início, que o nome próprio, Matraga desaparece, de forma que passa despercebido pelo leitor no desenrolar da novela, que conta a história fantástica de um homem que luta para encontrar o difícil caminho da regeneração. Tal caminho é atingido no final do conto, no momento de sua morte, quando o protagonista conquista integralmente o nome Matraga. E é só nesse momento, nas últimas linhas, quando está narrando a chegada de sua hora e vez, ou seja, o confronto com Joãozinho Bem-Bem, que, pela primeira vez, o narrador o chama de Augusto Matraga: “Então, Augusto

Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento” (ROSA, 2001, p. 413).

Portanto, quando é mencionado o nome de Matraga no início da narrativa, o fato ocorrera havia algum tempo; tanto o texto quanto o nome são tão marcantes que a ausência do último, durante a novela, não é notado pelo leitor.

Como foi mencionado anteriormente, cada conto do livro *Sagarana* principia-se com uma epígrafe que, de certa forma, sintetiza a história; assim, salientamos que, nesta novela, a epígrafe é composta por duas cantigas do sertão retiradas das tradições mineiras. A primeira diz o seguinte:

Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora...

Eu sou rica, rica, rica,
vou-me embora daqui... (ROSA, 2001, p.363)

Podemos inferir que, de acordo com a epígrafe, a estrutura do conto representa uma sociedade de classes (ricos/pobres), onde existem alguns que são fracos e alguns que são fortes, alguns escravos e outros senhores, mas todos sonham em superar essa contradição, visto que todos, indistintamente, em que pobres e ricos procuram alcançar seus objetivos.

Nessa sociedade de classes, onde riqueza e pobreza interagem, onde a primeira só pode existir baseando-se na última, até o lugar social ocupado pela pessoa tem uma responsabilidade ética. É nessa sociedade também que os ricos ocupam uma posição confortável, enquanto os pobres, por não terem nada a perder, são aqueles que podem sonhar com um novo mundo.

É nesse contexto que se entende a afirmação do catolicismo popular segundo o qual Augusto Matraga, no decorrer do conto, passa por uma mudança de lugar

social. Esse catolicismo se revela, concretamente, pela transformação que o personagem incentivado pelo padre, juntamente com os negros, fez “norte a fora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos amocambados de quilombo a quilombo”. (Rosa, 2001, p. 381).

Portanto, Augusto Matraga é a verdadeira representação dessa sociedade, pois irá passar por todos os “polos” extremos; rico no início, em seguida, pobre e, no final, conquistador do seu sonho, através de dois valores presentes no cristianismo: a fé e a esperança. Fé em um Deus que “mede a espora da rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum” (Rosa, 2001, p. 379), e esperança nesse mesmo Deus que é a garantia de vitória dos pobres e oprimidos. E Augusto Matraga proclama-a, de joelhos, braços em cruz, no início de sua jornada “- Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou , nem que seja a porrete!... E os negros aplaudiram...” (Rosa, 2001, p. 381).

A segunda epígrafe, que também principia o conto, diz o seguinte:

Sapo não pula por boniteza,
Mas porém por precisão. (ROSA, 2001, p. 363)

Vemos, nesses versos, uma outra voz, tacitamente aceita pela personagem, a impor ao indivíduo uma não-liberdade na escolha dos caminhos da vida: não se é completamente livre nas opções; as necessidades reais (internas ou advindas do mundo externo) clamam por serem satisfeitas (“mas, por precisão”). Ao longo da existência, enfrentamos problemas e dificuldades; que, uma vez superados, são geradas novas dificuldades a serem solucionadas. Constitui-se, pois, uma cadeia que faz com que as pessoas ajam, ou reajam, na solução de seus problemas, na

busca de seus objetivos; no caso do personagem Augusto Matraga, é a busca incansável pela salvação de sua alma por meio do cristianismo.

No início do conto, o narrador apresenta Augusto como um homem temido e respeitado pelo seu poder e temperamento agressivo, que, provavelmente, tenha adquirido na própria família:

Mãe do Nhô Augusto morreu, com ele ainda pequeno... Teu sogro era um leso, não era p'ra chefe de família... Pai era como se Nhô Augusto não tivesse... Um tio era criminoso, de mais de uma morte, que vivia escondido, lá no Saco-da-Embira... Quem criou Nhô Augusto foi a avó... Queria o menino p'ra padre... Rezar, rezar, o tempo todo, santimônia e ladainha... (ROSA, 2001, p. 370)

Tais informações mostram uma possível herança familiar herdada do pai e do tio nas atitudes de Nhô Augusto, que entortou para o mal, pois estava fora do prumo, tornara-se um desregrado, um homem sem nenhum escrúpulo.

Nos primeiros parágrafos do conto, ocorre um leilão cujos itens deixados para o final são duas prostitutas, Angélica e Sariema, por quem um homenzinho frágil mostra-se apaixonado. Isso até a intervenção do protagonista, que paga um valor alto e arremata Sariema, frustrando os planos da figura denominada pelo narrador como “capiauzinho” (sertanejo bastante primitivo, atrasado e rude) que estava interessado nela.

Uma cena forte é a agressão que esse capiauzinho, ao tentar fugir com sua amada, sofre por parte de Nhô Augusto. Apesar de toda a violência provocada, Nhô Augusto nem chega a usá-la, alegando que Sariema era muito feia: “Você tem perna de manuel-fonseca, uma fina e outra seca! E está que é só osso, peixe cozido sem tempero... Capim p'ra mim, com uma assombração dessas!... Vá-se embora, frango-d'água! Some daqui!” (ROSA, 2001, p.367). Mas esse poderoso Nho Augusto,

dissipador de bens materiais e afetivos, perde tudo; a mulher, as propriedades e a própria identidade.

Notamos aqui a representação de uma rede de relações sociais altamente hierarquizada, cuja característica mais marcante é a própria figura de Augusto, representante do coronelismo; Matraga é um misto de chefe militar e homem político, influente pelo fato de fazer parte de uma elite fundiária detentora dos meios de produção e que, por isso, acaba oprimindo os menos favorecidos.

O enredo prossegue, com a narrativa fazendo breves inserções sobre a esposa, a filha e a vida familiar arruinada de Augusto Matraga. Sua mulher, Dionóra, é uma pessoa reprimida. Teme o marido, por quem já não nutre nenhum sentimento, e se recusa a tomar uma decisão sobre sua vida pelo medo excessivo do caráter violento do esposo. A certa altura, o moleque de recados da esposa do protagonista, um jovem chamado Quim, encontra Augusto e lhe transmite um recado: o chefe deveria voltar para casa. Matraga, como era de se esperar, recusa; manda Quim de volta para buscar Dionóra e sua filha. O destino é a fazenda do Morro Azul.

Nesse ínterim, ocorre uma reflexão da esposa sobre sua atual situação com Nhô Augusto:

Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na idéia já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso.

Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. (ROSA, 2001, p. 369)

Matraga, de fato, é uma pessoa rude, bruta: além de bandido e violento, trata com pouco caso sua esposa, Dionóra, e sua filha, Mimita. Só se inclina para o jogo, caçada e mulheres de vida fácil.

Assim, numa primeira leitura da novela, enxergamo-la como a estória de um homem sem religião e muito mau, que, como nas lendas dos santos, torna-se um homem religioso e bom, e que acaba, por intermédio do reconhecimento dos próprios pecados, matando e morrendo para defender uma família de desconhecidos.

Nas primeiras páginas do relato há alguns episódios reveladores de nossa suposição inicial. Logo após a confusão em que o Tião leiloeiro, tomando coragem, exige do povo respeito para com “as coisas de santo”, na qual se ameaçava esboçar um conflito, pois “alguns quiseram continuar a vaia”, foi Augusto quem interferiu, para pôr ordem na casa. “- Sino e santo não é pagode, povo! Vou no certo... Abre, abre, deixa o Tião passar!” (ROSA, 2001, p. 365).

Outro momento em que Matraga demonstra religiosidade é quando está saindo com a prostituta, Sariema, após tê-la arrematado no leilão tomando-a do capiau, para “a casa do Beco do Sem-Cerola [...] e onde gente séria entra, mas não passa”, ao passar em frente ao adro, “Nhô Augusto parou, tirando o chapéu e fazendo o em nome-do-padre para saudar a porta da igreja” (ROSA, 2001, p. 367). Mas esse protagonista, poderoso e esbanjador de bens, perde o que tem, até mesmo mulher, filha e até sua identidade social.

No entanto, depois de tanto abuso de poder, das maldades praticadas pelo protagonista, a sorte muda, e, a partir desse momento, o narrador começa a mostrar a derrocada (e, posteriormente, a salvação) de Matraga. Parece-nos importante resumir algumas cenas marcantes do texto rosiano, pois iluminam seus movimentos na composição desse “homo religiosus”.

Em uma rápida sucessão de acontecimentos, Dionóra e sua filha o abandonam para morar em companhia de outro homem chamado Ovídio. Seus

capangas, com exceção do Quim Recadeiro, também o abandonam, passando para o lado do Major Consilva, seu maior inimigo. Dessa forma, ele se vê isolado, cheio de dívidas e destituído de todo o seu poder e prestígio como coronel.

Quim Recadeiro gaguejou suas poucas palavras, e ainda pôde acrescentar:

- ... Eu podia ter arresistido, mas era negócio de honra, com sangue só p'ra o dono, e pensei que o senhor podia não gostar...

- Fez na regra, e feito! Chama os meus homens!

Dali a pouco, porém, tornava o Quim, com nova desolação: os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto... O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem. Não vinham, mesmo. O mais merecido, o cabeça, até mandara dizer, faltando ao respeito: - Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P'ra ele pagar o que está nos devendo... (ROSA, 2001, p. 372)

Ferido em seu orgulho, sentindo-se desonrado pela fuga da mulher e pela traição dos homens, Augusto resolve ir ter pessoalmente com o Major Consilva para esclarecer a história, sem avaliar que o destino se virou contra ele, pois não tem mais apoio político, está cheio de dívidas, suas terras estão hipotecadas. Como o próprio narrador comenta, não havia percebido que era momento de parar umas rodadas, deixar de jogar, pois o azar havia pousado em sua sorte.

Ao chegar à fazenda do Major Consilva, Matraga era esperado em uma armadilha, na qual o protagonista é cercado pelos capangas do vilão (alguns dos ex-subordinados de Augusto) e é recebido com uma surra e terrivelmente espancado; inclusive, um dos que participavam do linchamento era o mesmo capiau que havia perdido a prostituta para Augusto.

Essa passagem permite fazer um paralelo entre a vida de Augusto e a de Jesus em sua paixão, pois Jesus, ao ser condenado à morte, é violentamente espancado e obrigado a carregar a cruz na qual seria crucificado, debaixo de chicotadas durante todo o trajeto. Este caminho que Jesus percorre, carregando a

cruz, - a “Via crucis”- segundo Paulo César Carneiro Lopes, “ficou sendo um caminho de pragas e judiações.” (LOPES, 1997, p. 98). Esta mesma “Via crucis” é percorrida por Matraga que, depois de levar uma surra de porrete, é arrastado e espancado por todo o caminho, até o lugar onde iriam matá-lo.

Ao chegar ao local onde iriam eliminá-lo, antes é marcado com ferro em brasa e, num desesperado ato de instinto de “sobrevivência”, salta num abismo.

E, aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência -, em imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e salto medonhos.

- Segura!

Mas já ele alcançara a borda do barranco, e pulara no espaço Era uma altura. O corpo rolou, lá em baixo, nas moitas, se sumindo. (ROSA, 2001, p. 376)

Há aqui um rito de passagem: a apartação social, na qual Matraga é um nada.

Essa marca, “triângulo em uma circunferência” recebida por Matraga, segundo Walnice Nogueira Galvão, possui uma ligação íntima com o destino, pois “O triângulo, no cristianismo, é a representação gráfica de um dos primeiros – em relevância e em antiguidade – dogmas da Igreja, o da união do Pai, do Filho e do Espírito Santo numa só pessoa.” (Galvão, 1978, p. 44). É a partir dessa marca recebida e da sua queda no abismo que ele renasce para uma nova vida, na busca de salvação para sua alma.

Dado como morto, Augusto é recolhido por um casal de negros em sua casa humilde. Passa dias inconsciente, como num período de luto pela morte do próprio “eu” e, quando volta a si, conhece sua situação e deseja a morte; mas ali é tratado, alimentado e passa a receber as visitas de um padre, chamado, num primeiro

momento, para que Matraga, julgando estar à beira da morte, pudesse ter a absolvição de seus pecados.

Como o personagem principal sobrevive, é instado pelo clérigo a mudar de vida. Ao indagar sobre sua vida anterior, reticente quanto ao fato de Deus perdoar alguém como ele, que já matara, que sempre tivera natureza inclinada para o mal, Matraga ouve do religioso a solução para a redenção de sua alma: doravante deveria praticar uma vida de penitência, desprendimento, amor e serviço ao próximo.

Após passar meses recuperando-se das feridas e fraturas sofridas, pode-se dizer que esse período equivale ao nascimento de um novo homem, pois se torna claro que ele começa a se arrepender de seus pecados; determinado a buscar a absolvição, apega-se com fervor aos conceitos do cristianismo; devido a seu jeito rude, torna-se mesmo irônica a maneira como ele afirma que vai para o céu, nem que seja a porrete.

[...] para ele, féria feita, a vida já se acabara, e só esperava era a salvação da sua alma e a misericórdia de Deus Nosso Senhor. [...]
- Eu vou p'ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P'ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!
(ROSA, 2001, p. 380/1).

Nesse período, há a criação de um outro Matraga, aquele que se reintegra socialmente, construindo uma nova identidade: um indivíduo interpelado pelas culpas; um “eu” que expia seus pecados; e nesse tempo, nessa espera, recupera-se física e psicologicamente. Elabora-se então um “eu” reformado: cristão, que suporta todas as agruras da vida, lembrando e pedindo sempre que Deus o ajude.

Tem início, então, o relato da efetiva conversão de Augusto. Ele não bebe, não fuma, não briga mais e acredita que, por meio do trabalho duro e do castigo a seu corpo, irá alcançar o perdão divino.

Interessante notar aqui o nível de tensão atingido pela narrativa. Guimarães despiu Augusto de toda a aura de poder quase militar que conquistara. O personagem passou pelo mesmo sofrimento físico que, muitas vezes, infligiu a seus inimigos. Apanhou, teve o corpo marcado como gado e quase morreu. Pode-se afirmar que há, por graus diferentes, uma mudança significativa em sua natureza. O texto apresenta um desfecho quase de mártir para Matruga, que morre, sacrificando-se, aparentemente, para salvar um ancião e sua família. Em Matruga, o conflito entre vida santificada e instintividade bestial se torna uma constante ao longo da narrativa.

Também são inúmeros os momentos em que Augusto briga consigo mesmo e questiona a validade daquela religiosidade excessiva e castradora. O conflito entre bem e mal está instaurado e a síntese de contrários começa a ser configurada, já que bem e mal não precisarão um do outro para gerar o ser simbiótico em que Augusto se transformará no final do texto.

Uma amostra dessa angústia experimentada por ele se verifica no fragmento em seguida, quando um certo Tião da Thereza localiza Matruga e lhe dá notícias da terra natal. Dionóra estava para se casar com Ovídio, certa de que estava viúva; Major Consilva apoderou-se das terras do protagonista; o Quim, frouxo e atrapalhado, havia sido o único a se levantar em defesa do patrão, mas fora morto no momento em que, tomado por fúria, entrara nas terras do Major para tentar vingar o acontecido; e Mimita, a filha, havia-se tornado prostituta.

Diante de todas essas declarações, Augusto, por mais que queira, não sufoca o passado e as vergonhas sofridas em contraste com a vida quase religiosa (de sofrimento e despojamento).

[...] daí em seguida, ele não guardou mais poder para espantar a tristeza. E, com a tristeza, uma vontade doente de fazer coisas malfeitas, uma vontade sem calor no corpo, só pensada: como que, se bebesse e cigarrasse, e ficasse sem trabalhar nem rezar, haveria de recuperar sua força de homem e seu acerto de outro tempo. (ROSA, 2001, p. 385)

Pode-se inferir que foi um momento crucial para Augusto, em que questiona se Deus o abandonara e se ele realmente mereceria o Céu, depois de tudo que fizera. Volta-lhe a vontade de vingar, de lavar a honra com sangue, mas o desejo de salvar sua alma era maior; portanto, resiste bravamente à tentação de vingança, preferindo continuar sua vida de trabalhos pesados e novenas.

A vida do protagonista ia em meio a esse intenso embate interior, entre duas naturezas que não poderiam ser por ele concebidas como fazendo parte de único ser, quando chega à região, em que Matraga vivia, um poderoso e famoso jagunço: Joãozinho Bem-Bem, acompanhado de seu bando. Uma simples cruzada de olhos entre Augusto e o chefe do grupo é suficiente para que o maior nível de tensão seja colocado para o leitor, que é levado a crer que o destino de um está, inevitavelmente, nas mãos de outro.

Joãozinho e seus homens são convidados para um banquete na casa de Nhô Augusto, que, por sua vez, se mostra fascinado por aquela gente e por seu estilo de vida. Mais uma vez é tentado a voltar à vida de antes, pois é convidado a fazer parte do bando de Joãozinho Bem-Bem; é uma forte tentação. O herói sente saudade do poder de desmando que possuía, imagina até a possibilidade de vingar a morte de

Quim, mas, apegado ao objetivo de salvar sua alma, resiste mais uma vez à tentação.

O conflito interior de Matraga, imaginando como seria fazer parte do bando de jagunços e abandonar aquela vida regrada que se impunha, chega ao clímax neste momento da narrativa:

- Opa! Oi-ai... A gente botar você, mais você, de longe, com as clavinas... E você outro, aí, mais este compadre de cara séria, p'ra voltearem... E este companheirinho chegador, para chegar na frente, e não dizer até logo!... E depois chover sem chuva, com o pau escrevendo e lendo, e arma-de-fogo debulhando, e homem mudo gritando, e os do-lado-de-lá correndo e pedindo perdão!... Mas, aí, Nhô Augusto calou, com o peito cheio; tomou um ar de acanhamento [...] (ROSA, 2001, p. 394)

Até esse episódio, Augusto insiste em reprimir sua natureza violenta de antes, tão inebriado está de uma crença fanática de que a vida de penitência o levará para o céu. Contudo, não consegue desvencilhar-se de seu passado e da vontade de beber, de fumar e de voltar a ser o homem temido de outrora. A presença de Joãozinho Bem-Bem apenas contribui para a intensificação da luta interior de Matraga. Somente quando ele se der conta de que é inevitável continuar lutando contra si mesmo e, num novo ato de despojamento de convenções levado a cabo pelo narrador, resolver tomar as rédeas de seu destino, assumindo sua dualidade, é que sua vida passará a ter sentido outra vez. É importante ressaltar a abordagem que faz Walnice Nogueira Galvão (1978), para quem Augusto representa uma imitação de Jesus Cristo. De acordo com ela:

Quando Matraga termina o tempo da penitência e sai em peregrinação, vai num jumento porque a mãe Quitéria lembra a semelhança com os passos da vida de Jesus. E Matraga passa a ser nomeado O Homem do Jumento. A imitação de Cristo vai sorratamente se acentuando. (GALVÃO, 1978, p. 65)

Essa “imitação de Cristo” realça justamente qual é a natureza dupla de Augusto. Ao mesmo tempo em que “imita” Jesus, “manso e humilde de coração”, Matraga entoava cânticos como os do bando de Joãozinho Bem-Bem, insuspeitadamente bélicos:

A roupa lá de casa
não se lava com sabão:
lava com ponta de sabre
e com bala de canhão... (ROSA, 2001, p. 401)

Nasce aqui um novo Nhô Augusto, que se despede de seus pais negros, vai ao encontro de sua hora e vez.

Se a natureza de Cristo jamais foi a de ser “guerreira”, também se pode dizer que a natureza de Nhô Augusto jamais fora a de ser santo ou mártir. Há, sim, uma mudança em sua natureza, mas essa mudança não se configura apenas em uma doutrina de princípios opostos. Agora o protagonista compreende que pode ter em si mesmo o bem e o mal. É com base nesse entendimento que ele passará a viver sua vida e se sentirá livre pela primeira vez, sem pecados e sem penitências. Porém, sua hora e sua vez ainda não haviam chegado e, dessa forma, sua missão não estava completada.

É com o intuito de levar a bom termo sua jornada (a de salvar sua alma), que ele segue seu caminho. Decide, então, partir. Montado no lombo de um jumento (animal de simbologia cristã), deixa que ele, por sua própria vontade, o leve para onde queira ir. “- Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!... (ROSA, 2001, p. 404)”.

Depois de vários dias de viagem, o animal o traz de volta a um povoado nos arrabaldes, chamado de Rala-Coco, lugar próximo de onde Augusto Matraga vivera

e em que também tinha sido dado como morto, e se encontra de novo com a tropa de Joãozinho Bem-Bem. Seu coração se enche de alegria. O conflito entre “bom” e “mau” acaba voltando à tona em sua fase derradeira, quando o jagunço chefe convida Matraga a se juntar ao bando:

- Não se ofenda, mano velho, deixe eu dizer: eu havia de gostar, se o senhor quisesse vir comigo, para o norte... Já lhe falei e torno a falar: é convite como nunca fiz a outro, e o senhor não vai se arrepender! Olha: as armas do Juruminho estão aí, querendo dono novo... (ROSA, 2001, p. 407)

Augusto fica extremamente tentado a ceder, mas a narrativa fecha-se com a transformação de Matraga:

Nhô Augusto bateu a mão na winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coronha e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações. Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam – talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus-padre – e por fim, negou [...]. (ROSA, 1946, p. 407)

É dessa forma que, Guimarães Rosa, considera a clara intenção de Matraga de salvar sua alma, emblema da conversão que está se realizando nele. Sob este aspecto, Walnice aponta:

A alegria de Matraga durante toda a cena final é a alegria dos mártires, da alma que, enfrentando a provocação, reconhece que está prestes a integrar-se em Deus, passando pelo sacrifício do corpo. Esse sacrifício, se não é voluntário e alegre, feito com a face resplandecente, não terá validade. (GALVÃO, 1978, p. 66).

Tem-se de considerar, também, que mesmo Cristo teve seu momento de hesitação no jardim do Getsêmani, ao questionar o Pai sobre a possibilidade de o

cálice da agonia ser afastado. Cristo tinha por missão resgatar a humanidade de seus pecados através do martírio; Matraga buscava salvar a alma pela sublimação, pela elevação do espírito (não pelo martírio): dois focos diferentes, posto que Cristo buscava a salvação do outro (a humanidade), e Matraga buscava a própria salvação (pelo sacrifício e pela sublimação).

Outro fator a ser abordado, a esse propósito, é o seguinte: Augusto Matraga tem em mente a salvação de sua alma, *a priori*. O fato de ter defendido o ancião condenado à morte por Joãozinho Bem-Bem, que tivera um de seus capangas assassinado por um dos filhos do velho, é, com efeito, um instrumento para que ele tivesse mais consciência do seu desejo de conversão. Até paradoxalmente, se para salvar sua alma fosse necessário matar (sob a égide da justiça e do amor ao próximo), Matraga não hesitaria fazê-lo. Matraga termina sua existência como mártir sem ter vivido uma vida exemplar: seus atos não são abnegados e o suposto sacrifício dele é uma ação pensada para sua salvação.

Preferiu ser fiel ao que se propunha no momento: salvar a alma, ir para o céu (essa era a sua “hora” e “vez”), mesmo que isso lhe impusesse sacrifícios. Estava premido pela idéia de injustiça iminente a ser cometida contra um filho do ancião e pela idéia de fidelidade à sua busca: para defendê-la, opôs-se em luta contra Joãozinho Bem-Bem. Veria, dessa forma, resolvido seu conflito existencial na busca incessante da salvação da alma. É este o fechamento dado por Guimarães Rosa aos conflitos interiores de seu personagem: um homem ímprobo que viveu uma vida de jagunço, transformado pelo fervor cristão, mas que se aproxima de um santo de uma forma paradoxal, bem à moda da visão privilegiada do autor no que compete às diferentes nuances da alma humana.

No entanto, chegada a hora e vez dele, com aura de santo guerreiro, Matraga reassume sua identidade original. Assim, sua morte é, simbolicamente, uma regeneração; nesse instante ele se reconcilia com o seu mundo, recupera sua identidade e se transforma num herói positivo, pois essa morte adquire significação, morte bendita, almejada e desejada.

E então, reiterando o que até então desenvolvemos, enriqueçamos o estudo da evolução pessoal de Matraga.

Em um dos mais importantes estudos recentes sobre a obra de Shakespeare – *Shakespeare: a invenção do humano*, Bloom (2000) assinala que uma personagem com tal característica é capaz de “refletir sobre si próprio, na interação com os outros e, a partir daí, crescer [...], modificando sua maneira de pensar e de agir” (Apud. LIMA, JOÃO GABRIEL DE. *Gênios de Papel*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/190400/p_146.html>. Acesso em: 24 jun. 2008). Em resumo, ao lado de outras qualidades atribuídas ao escritor britânico, seria a habilidade de desvendar os meandros do comportamento humano e, a partir daí, fazer uma literatura de alto nível: um grande mérito de Shakespeare.

Levando em conta, pois, essa leitura de Bloom (2000) e a análise desenvolvida ao longo deste trabalho, seria possível, também, ver ecos desse exame da alma do homem para a construção de personagens na obra de João Guimarães Rosa, em especial em *A hora e vez de Augusto Matraga*? Sem esse exame das contradições humanas, o material literário perde muito em qualidade e em verossimilhança.

E uma vez que a verdade da ficção não está ligada a uma determinada noção de realidade a ser imitada, como no princípio aristotélico, será considerado um escritor, em toda a concepção da palavra, aquele que chegar ao nível máximo de

esmiuçamento do comportamento humano, contraditório e ambíguo. Guimarães Rosa, assim como Shakespeare, tem plena consciência dessa premissa e, por isso, ambos fazem questão de evidenciá-las em suas obras.

Uma análise crítica literária deve considerar esses preceitos. A simples divisão de forças, a luta do bem contra o mal como forma de interpretar as atitudes de certos personagens pode-se configurar num erro de perspectiva. Rosa (1946) esmiúça, em *Matraga*, as contradições dos homens através de seu vaqueiro, elevado à categoria de santo.

Matraga estava determinado a buscar a salvação da alma, repetindo que iria para o céu de uma forma ou de outra: ele esperava “sua vez”. E “sua vez” chegou de uma forma contraditória: para salvar a alma teve de matar. Um “matar” com sentido mais amplo e simbólico: matar Joãozinho Bem-Bem, símbolo do homem “mau” que o próprio *Matraga* tinha sido; portanto, atingir a purificação e obter a salvação da alma (agora livre do “mal” representado pelo seu opositor).

É bom lembrar novamente que, quando é dado como morto e acolhido pelo casal de negros, ele recebera as visitas de um padre, que, por sua vez, lhe pregara a doutrina do despojamento e da vida de caridade como forma de expiar os pecados: é o que Augusto passa a praticar; dedica-se a servir ao próximo, porém não sem vivenciar o conflito interno (dualidade).

Convém observar que *Matraga* só encontra a si mesmo (encontra sentido da vida) quando se desprende de si mesmo, rompe consigo em busca (defesa) do outro (ancião): pode-se dizer que é no “outro”, no “alheio” a si, que eleva o espírito e encontra sua salvação.

Pode-se, desse modo, entender que *Matraga* se enquadra na categoria de personagens com as características apontadas por Bloom (2000), visto que

personagens que refletem sobre si próprios nas suas interações com os outros em suas diferentes maneiras de ser e ver o mundo, serão capazes de crescer. Tal crescimento é expresso em Matraga como transformação para a solução de conflitos interiores: evolui na contradição, em busca de um objetivo bem determinado (ir para o céu) diante do infortúnio (perder tudo: propriedades, mulher e filha, ser repudiado, matar).

Afinal, chegou a “hora e vez” de Matraga encontrar a verdade. Mas uma verdade construída individualmente, como um modo de conhecimento.

É certo que Augusto Matraga, durante toda a vida, não perfilara o caminho de Cristo. Entretanto, com Ele topou em uma esquina da existência, depois de tantos transtornos. E em meandros dolorosos, o Salvador o conduziu à vida, por meio da morte.

De um forma ou de outra, concretizaram-se em Matraga as palavras do Mestre: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. Se “na casa do Pai existem várias moradas”, vários devem ser os caminhos para chegar lá. E Matraga chegou.

Não teria Deus escrito certo por linhas tortas?...

CAPÍTULO II

ENTRE O JAGUNÇO, O SANTO E O OUTRO

Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

(João Guimarães Rosa)

2.1. O Jagunço

Matraga, ao se encontrar pela primeira vez com Joãozinho Bem-Bem reconhece nele um amigo e o convida para se arrancar e armar rede debaixo de seu telhado humilde. O chefe jagunço é o centro das atenções de Matraga, que lhe rodeia de agrados com comidas, pouso e conversas. O personagem sente-se atraído pelo tipo de vida da jagunçada: vida livre, fazendo justiça com as próprias mãos.

O que atraía Matraga, na verdade, era a possibilidade de fazer justiça contra o major Consilva e seus capangas que viraram de lado, e também, vingar-se de Dionóra, por tê-lo abandonado. Junto à jagunçada, estaria protegido de qualquer outra desforra por quem quer que seja. Matraga se sentia igual a Bem-Bem, se refletia no poder do outro, criando uma realidade que não era sua.

Diante de tais observações, Candido (1987) mostra que o sertão encaminha e desencaminha o sujeito, propiciando um comportamento adequado à sua rudeza; ali as pessoas criam uma lei que exprime aquela do mais forte (de quem está no comando das situações). Para Candido é por isso que:

[...] o indivíduo avulta e determina; manda ou é mandado, mata ou é morto. O Sertão transforma em jagunços os homens livres, que repudiam a conga e se redimem porque pagam com a vida, jogada a cada instante. Raros são apenas bandidos, e cada um chega pelos caminhos mais diversos. (CANDIDO, 1978, p. 128)

Esse comportamento dos jagunços (de desafiar a lei da cidade e criar as suas próprias) não segue o padrão ideal dos poemas e romances de Cavalaria, mas obedece à norma fundamental do meio em que vivem: matar ou morrer.

Se fizermos uma comparação entre Matruga e Riobaldo, notaríamos que ambos se constroem através do meio (sertão): Riobaldo, de jagunço, vai amadurecendo para chegar ao comando do bando, faz um pacto com o diabo para realizar sua tarefa, tornando-se duro, cruel e prepotente. Já Matruga é o inverso: rude, infiel, filho de coronel que passa à condição de regenerado (pelas preces feitas a Deus) e pela própria luta travada com seu amigo, Joãozinho Bem-Bem, na qual o mata em defesa da vida de outros sertanejos e que, por fim, consegue sua redenção.

Segundo Candido (1978), o jagunço, sendo o homem adequado a terra, não poderia deixar de ser como é, mas, ao manipular o mal como condição para atingir o bem possível, transcende o estado de bandido. Riobaldo, ao largar as armas e se retirar, acompanhado por seus fiéis, aniquila sua condição de jagunço e vai cuidar da fazenda que herdou do tio, ao lado de sua Otacília. Matruga, em sua condição de jagunço, o mesmo comportamento o faz regenerar-se no sentido de que encontra a

salvação de sua alma, pois não só mata um chefe-jagunço famoso na região do sertão, libertando o velho e os filhos do castigo de Joãzinho Bem-Bem, mas também liberta-se de seu calvário de dor, sofrimento e humilhação; é a ascensão do “eu” Matraga sobre o santo e o jagunço, pois ele volta a ter a sua identidade original; Matraga era Matraga mesmo, como sempre foi.

Nesse percurso entre o bem e o mal, Rosa pretende afirmar que a idéia de que tais valores são criações humanas, as quais estão sujeitas a avaliações de sua validade enquanto detentoras de uma possível verdade em si, pois não há verdade em si nesses conceitos, mas são frutos de uma vontade de potência que poderá dar-lhes sentido de acordo com o desejado por uma ideologia dominante.

2.2. O Santo

Augusto Matraga, nos episódios em que se porta com os outros de maneira bastante cruel, demonstra respeito e temor pelo que ele mesmo chama de “coisas de santo”. Trata-se do paradoxo apresentado por Rosa nesse conto. Nesse sentido, nosso objetivo, neste capítulo, é analisar alguns autores que contribuem para esclarecer o tema da religiosidade e do martírio de Matraga por predestinação e por vontade própria de salvação, corroborando, dessa forma, com a visão da santidade e da penitência cumprida por Matraga, para que, assim, ele pudesse ser aceito, salvo por Deus. Os autores são Maria Sylvia de Carvalho Franco, Walnice Nogueira Galvão, Elenita de Sousa Freitas, Renato Janine Ribeiro e Paulo César Carneiro Lopes e também Elsa Dias Oliveira, que faz uma abordagem filosófica da dualidade

do personagem Augusto Matraga, complementando a visão literária desses outros autores.

Antes de entrar na discussão teórica propriamente dita, fica difícil não pensar em algumas histórias de vida que se assemelham à de Augusto, dentre tantas outras que, sem dúvida, Guimarães Rosa tenha recolhido dos relatos bíblicos: a de Saulo (depois Paulo) de Tarso, José, Moisés e do próprio Jesus Cristo.

No livro bíblico dos “Atos dos Apóstolos”, Saulo é inserido na narrativa abruptamente; nenhuma informação temos sobre seu passado ou sobre de qual família ele poderia provir. O personagem simplesmente está ali, assistindo ao martírio de um cristão chamado Estevão:

E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas capas aos pés de um jovem chamado Saulo.
E apedrejaram a Estevão que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.
E pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu. (Atos: 7. 58-60).

Com estilo seco, simples e direto, o relato bíblico prossegue. A hora e a vez agora são de Saulo:

E também Saulo consentiu na morte dele.
E fez-se naquele dia uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e de Samaria, exceto os apóstolos.
E uns homens piedosos foram enterrar Estevão, e fizeram sobre ele grande pranto.
E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão. (Atos, 8. 1-3)

O desenrolar e o final da história todos nós conhecemos. De perseguidor do cristianismo, de homem violento, de assassino, Saulo tem uma epifania: é ferido nos

olhos pelo próprio Cristo quando estava se dirigindo a Damasco. Converte-se, muda radicalmente de vida, recupera a visão e se transforma no mais importante disseminador da doutrina cristã, vindo a sofrer o martírio em Roma posteriormente.

Na história bíblica de José, temos um jovem cuja predileção paterna gerou ciúme dos irmãos que, levados por este sentimento, planejam uma forma de se livrar do incômodo fardo. Deliberam e chegam à conclusão de que a melhor saída é vender o mancebo a mercadores egípcios, em vez de matá-lo. Isto nada mais é do que o primeiro sinal da predestinação de José, já que ele escapa desta primeira morte.

No Egito ele sofre uma intriga da mulher de seu patrão e é encarcerado. Todavia, por ter conseguido interpretar os sonhos do Faraó, é promovido. De preso, quase condenado à morte, José galga a posição de primeiro-ministro, escapando, assim, de sua segunda morte. Resta, agora, o confronto com seus irmãos. Contudo, no lugar do ódio, entra o amor e a obediência a Deus, pois José não se vinga de nenhum daqueles que o haviam vendido como escravo, por ter compreendido que todos os seus infortúnios não passavam de um plano divino. Sua hora e sua vez consistiam em livrar o Egito da fome e poder ajudar sua família em dificuldades.

Moisés tem um caminho semelhante. Quando bem jovem, criança na verdade, escapa de uma primeira morte pelas mãos dos soldados do Faraó. Adulto, comete um crime e escapa de uma segunda morte, indo se asilar num país estrangeiro. Lá ele tem a revelação do que seriam sua hora e sua vez: ele deveria chefiar os hebreus, tirá-los do domínio egípcio e, com a sempre mais do que bem-vinda ajuda de Deus, guiá-los rumo à terra prometida.

O próprio Jesus sofreu ameaças à sua vida quando era bebê. O inimigo, desta feita, o rei Herodes, que também ordenara a morte, pelo fio da espada, de

todas as crianças do sexo masculino até três anos de idade. A família de Jesus se refugia no Egito até a morte de Herodes, e o infante Filho de Deus escapa de sua primeira morte. Ao longo de sua vida, ainda escaparia de alguns percalços e só viria mesmo a morrer na cruz, cumprindo tudo o que dele havia sido dito por intermédio das escrituras.

Assim sendo, estão aí os elementos constituintes dos personagens cuja sorte está selada desde o nascimento. Assim como Saulo, Augusto também é um homem de temperamento violento e perseguidor dos mais fracos. Claro que este apresenta certo respeito e certo temor pelos elementos considerados santos. Diríamos mais temor do que respeito, pois uma pessoa observadora dos preceitos cristãos e dos mandamentos da igreja católica jamais poderia deixar de lado um dos mais representativos dos *Dez Mandamentos*: “Não matarás”. Porém, é justamente sobre este paradoxo que se assenta a força de Saulo, Moisés e também a de Matraga. Falando especificamente, agora, do personagem rosiano, é necessário que ele mate, que ele quase seja morto, que ele sofra na carne as tentações que marcaram sua vida de outrora e que ele renasça com uma marca totalmente nova: a da santidade alcançada através do martírio, pois, segundo Galvão (1978, p. 56), “um verdadeiro cristão deve imitar Cristo, escolher a pobreza, o insulto, o sofrimento, a privação...”

O primeiro desses estágios, aquele a ver com o ato de matar, é diretamente relacionado à aparente rejeição da fé cristã. Guimarães introduz seu protagonista, como no relato dos “Atos”, sem maiores detalhes, abruptamente:” Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem - [...]”. (ROSA, 2001, p. 363).

Será a partir do trato com a linguagem e do esmiuçamento dos dilemas da alma humana que o autor traçará o destino de Augusto. Destino este que, desde o início, pode ser interpretado como de uma pessoa, senão, ainda, santa, pelo menos predestinada. Segundo Maria Sylvia de Carvalho Franco, no *artigo A vontade santa* (1975), o sentido que percorre toda a trama é mesmo a rejeição da fé cristã, rejeição necessária para que a tensão no conto se estabeleça.

Para Maria Sylvia Carvalho Franco (1975), Nhô Augusto vive uma vida dissoluta, a mandar e desmandar nos povoados, por conta de um poder mesquinho e “falso” que lhe garante o respeito e o temor por parte das pessoas. Nessa ética própria, Augusto sempre atinge sua finalidade por ser o mais valente, o mais forte; daí tudo pode, tudo faz e tudo compra. Em síntese, seus jagunços, suas propriedades e a submissão do povo sertanejo são adquiridos de acordo com essa sua ética, devido ao seu poder, seu caráter violento, sua arrogância e seu falso domínio.

O que se destaca da leitura é a criação do homem em sua essência e, nessa criação, é proposto um caminho no centro desse mistério, a saber, a gênese da consciência, da liberdade e da moralidade. Se o sertão é posto como um lócus onde não é possível resistir às privações, onde a imposição se dá por meio da violência e da morte, existe, paralelamente a esse mundo, uma ideologia de promessas, isto é, a promessa de, num futuro longínquo, alcançar a redenção através do sofrimento físico e espiritual.

Daí, no conto de Guimarães Rosa, a religiosidade ser caminho aberto para a existência e também modo de conhecimento. Os progressos de Matraga realizam-se como graça e revelação: após os acontecimentos que destruíram seu antigo estilo de vida, perde contato com o exterior e fecha-se em busca de sua razão de ser. Nesse estado, sua vida reiniciou-se e seu caráter firmou-se através de passos em tudo identificáveis com as práticas ascéticas e

místicas: a aspiração ao absoluto, o esforço de purificação, a união com Deus e o movimento contrário ao mundo e de reorientação de conduta. Dado isto, a reviravolta sofrida por sua alma encerra um enorme contrasenso: o contato com a divindade é impossível e o íntimo acordo final dá-se profanamente consigo mesmo e com seus iguais. (FRANCO, 1975, p. 95).

Augusto Matraga vive um problema de conciliação dos opostos: abandona seu “eu” para viver o “outro”; deixa de ser Augusto e converte-se em um homem humilde, prestativo, “quase um santo”. Essa síntese dos contrários, de acordo com Candido (1978), é como vencer-se a si mesmo, o inimigo ou é o outro ou a própria pessoa.

A escolha de Rosa, em abordar de tal modo a religiosidade, é a chave para compreendermos sua visão de homem e sua ética. Assim, segundo Maria Sylvia Carvalho Franco, a transfiguração de Nhô Augusto em Matraga, a épica recuperação de sua “razão de ser” por meio da virtude religiosa, ou seja, pelo caminho da penitência, não seria possível somente com “o nascimento da pessoa e sua perfeição”; teriam por requisito “a renúncia ao mundano”. Dessa forma, Guimarães Rosa faz Nhô Augusto percorrer, em seu trabalho de penitência, a imitação do caminho da salvação que os “pobres de espírito” evangélicos almejam como vida verdadeira.

Assim, segundo a autora, enquanto o ser está preso aos laços do cotidiano exterior e por eles é determinado, o ser humano não existe em sua totalidade. Uma verdadeira existência poderá ser alcançada somente através dessa “renúncia ao mundano”. Nesse sentido, lemos em Mateus, 24, 25: “Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo”. De acordo com essa passagem do evangelho, entende-se que um indivíduo pode viver mal, ter uma vida de condutas desapropriadas para a ética social, e, no entanto, no fim ou no meio de sua vida,

pode ter-se arrependido de seus maus caminhos e ter-se superado, como é aqui o caso de Nhô Augusto: após ter-se privado de uma vida de regalias e prazeres da carne, poderia alcançar sua redenção através da mortificação do corpo.

Dessa forma, sua vida teve um novo rumo, adquiriu um sentido que não existia antes. É importante salientar que Augusto tem seu feitio moral e sua ética reorientados na fase de intensa religiosidade quando da convivência com o casal de negros, por meio de situações em tudo identificáveis com as experiências contemplativas e místicas: a ambição pelo soberano, pelo santo, o empenho da purificação da alma, a união com Deus, o estímulo oposto ao retorno, o renascimento no mundo e a reorientação do comportamento: "Quem vive unido a Cristo torna-se uma pessoa nova. As coisas antigas passaram. Tudo é novo." (II Coríntios 5, 17).

Contudo, essa postura de santidade não vale muita coisa. Por não estar acostumado a semelhantes preceitos, a penitência de Augusto é árdua e, por esta razão, a proximidade com a divindade é impossível, e o íntimo ajuste final dá-se consigo mesmo e com seus semelhantes. Seu estado de homem carnal o atormenta, seu passado o aflige, ele pensa em voltar atrás.

Nessas condições "inventadas" cresceu e persistiu a paz: ele "não tinha tentações, nada desejava". Entretanto, a negação do mundo por nhô Augusto não podia ter foros de eternidade. Sua luta pelo domínio do espírito deu-se ao longo de seu esforço pelo uso do corpo: quando começou a avançar na beatitude, estava também apto a andar. Embora tenha se mantido escondido, nhô Augusto tem presença sensível, existe para outros que, saídos da corrente da realidade, de novo para lá o arrastam. "Tião da Thereza ficou bobo de ver nhô Augusto". Nesse contato, tem início o seu retorno. No conceito daquele homem que veio de fora, a imortalidade penosamente buscada significa apenas que deixou de ser gente para pior [...]. O desprezo recebido não o largou mais. Diante do sentimento que feria fundo sua pessoa, começa a ruir sua indiferença. Percebe o mundo à sua volta que [...] interfere na região ideal [...]. Começa a volta, mas não como reaproximação do

“mundo”, definitivamente perdido e renegado, mas como retorno a si. (FRANCO, 1975, p. 99).

Somente pelos caminhos da subjetividade será possível para Augusto Matraga retornar à vida. A saudade de suas qualidades de antigamente adquirem nova dimensão: ele retoma o gosto pela coragem, por alguns prazeres da carne, como o cigarro, volta a sentir desejo sexual e tudo isto se soma à honra e à lealdade agora adquiridas no caminho da salvação, já que é colocado o questionamento “[...] assim tão mole, tão sem homênia, será que posso entrar no céu?!” (ROSA, 2001, p. 385).

Essa pergunta será respondida pelos próximos atos de Nhô Augusto. Uma vez que as práticas violentas lhe são familiares, não é de se espantar que a violência perpasse por toda a história e que ela retorne no clímax do conto, no duelo entre Bem-Bem e Augusto. Porém esse sentimento tem, agora, outro fundamento: impedir que Joãozinho mate um dos filhos de um ancião, para vingar a morte do companheiro Juruminho. Aqui cabe uma comparação entre as três fases do protagonista e sua relação com a violência: quando era poderoso e temido, Matraga a esbanjava a torto e direito; no momento da surra proporcionada pelos capangas do major Consilva, Augusto a suporta e, refeito, ele a unifica e dá a ela um novo significado.

Voltando a nhô Augusto: também ele transita por esses dois mundos de valores. Sua primeira fase é de afirmação da violência; a segunda, de negação; na terceira ela reaparece transfigurada. Esta sequência exprime as transformações de sua consciência e de sua prática: primeiro é um autômato num mundo mecânico, depois um santo em busca do absoluto e, por último, se humaniza num mundo real. A tensão entre o primeiro e o segundo desses termos (as tentações que sofre e vence exprimem isto) promove o terceiro que sintetiza os anteriores; ao alcançar a categoria da pessoa, ele exerce a sabedoria da segunda fase, no gesto da primeira. [...] O jagunço,

expressão máxima da violência que Matraga repudia, é também aquele a quem mais ama, admira e respeita. [...] As privações suportadas viram de ponta-cabeça seu lugar no mundo: existiu como miserável e se fez outro. Não obstante, este novo guardou muito do antigo: a violência inicial não se perde, mas muda de sentido ao fundir-se à mansidão conquistada. Num mundo essencialmente violento, só há um modo de resistir: violência igual. (FRANCO, 1975, p. 105).

Vale lembrar, no entanto, que, em Nhô Augusto, apenas a orientação de sua própria vida é que condiciona a melhoria, o arrependimento dos pecados cometidos anteriormente. Sua crença baseia-se na purificação espiritual e na recuperação da auto-estima. Assim que o tempo apaga de seu corpo os sinais do sofrimento, exceção feita à marca do ferro em brasa, Matraga questiona sua condição, como já salientamos. Isto é compreensível, pois o olhar de desdém por parte de Tião da Thereza foi um duro golpe em seu orgulho, principalmente em se tratando de um homem em que a humildade estava longe de ser uma característica marcante se lembrarmos do seu passado de “Coronel”. Em suma, Augusto Matraga tem em mente, seu próprio benefício, sempre, fato que comprova mais uma vez que estava longe da salvação de sua alma (da regeneração):

Observa o mandamento do amor ao próximo, mas ele próprio é a referência última desses atos. Bem de acordo com a ética cristã, suas boas ações, realizadas como penitência, têm o sentido de reabilitação dos pecados cometidos anteriormente. Nessa corrente de ações boas e más, para que o peso recaia mais sobre o primeiro prato da balança, a bondade para com toda criatura passa a ser seu lema. Mas na verdade, as intenções que animam seus bons atos visam transformações a serem operadas em sua própria pessoa. Afastou-se radicalmente das coisas mundanas, mas o seu objetivo é sempre a vida interior: é enorme sua luta contra o egoísmo e a brutalidade que traz dentro de si, mas segue inerte a essas maldades quando exteriores a ele. (Mesmo a oposição a Joãozinho Bem-Bem tem por referência antes sua própria salvação que a defesa da família oprimida). [...] A aproximação ao divino dá-se justamente pelas vitórias obtidas contra as tentações de salvação e de vida fáceis. Nho Augusto as sofreu e venceu, mas a despeito dos

anos de exercício não logrou fazer da santidade uma rotina de vida. (FRANCO, 1975, p. 110).

De certa forma, Augusto Matraga parece ser uma personagem predestinada. Não podemos deixar de considerar, também, que a concepção de Guimarães, aqui, está alicerçada no paradoxo da religiosidade do sertão, onde violência e religião são componentes que não excluem um do outro. Evidente que, no decorrer do conto, a violência gerada pela ordem social e contida pelos limites da consciência de Nhô Augusto tem maior identificação com a realidade rural do que a religião. Mesmo porque esta tem sentido bastante prático, relacionando-se à magia e atividades sociais e econômicas. Só que Augusto não pretende que seu ato de despojamento seja uma simples compensação, uma barganha com Deus. É necessária uma real prova de conversão, de renascimento de alma.

O reconhecimento desse impasse é o que eleva Matraga a Deus e, ao mesmo tempo, coloca Deus muito próximo dos seres humanos. Agora, mundo e Deus precisam estar equilibrados para que o martírio de Augusto adquira pleno sentido de martírio. Será o encontro com sua própria consciência e no despojamento da mesma o lugar da salvação de Matraga.

Uma das origens da predestinação e da santidade de Augusto Matraga tem ligação direta com histórias e personagens tiradas de episódios bíblicos. Contudo, essas origens não param por aí. Existe toda uma simbologia que dá sinais claros de que determinada pessoa carrega consigo a marca do santo.

No ensaio *Matraga: sua marca*, Walnice Nogueira Galvão (1978) descreve e analisa as marcas da personagem como sinais de estigmatização que se

transfiguram, em certas histórias, em sinais de pertença². Assim, o triângulo na circunferência, marca com que Nhô Augusto é ferrado, o inscreve na ordem dos escolhidos, embora ele relute em reproduzir a santidade. Esses sinais são atribuídos à Santíssima Trindade.

Para Paulo César Carneiro Lopes, em sua obra *Utopia cristã no sertão mineiro* (1997), essa trindade deixa de ser arbitrária e se torna uma representação natural da dialética, pois a vida é experimentada como trindade, é um processo de saída de si e um retorno a si, ou seja, é a separação e reunião da alteridade com a identidade, num movimento ininterrupto.

A presença marcante do triângulo é, inclusive, transportada para a estrutura da obra de Matraga, que segundo Lopes (1997), se torna também dialética. Assim, para o autor, uma parte da narrativa corresponde à afirmação, outra à negação e, por último, a supressão das realidades conflitantes representadas; era o destino dele viver todas as perdas, portanto nada é absoluto e acabado “aceitar a morte para que a vida se torne mais vida é o supremo gesto de amor; a aceitação da morte é a completa superação do egoísmo [...]” (LOPES, 1997, p. 83), pois ele teve que aceitar a morte para deixar a vida crescer, para entender o princípio e a dinâmica do amor, em sua plenitude.

A simbologia desse triângulo é explorada por Galvão (1978), a começar pela marca feita a ferro que Nhô Augusto tem em seu corpo, último dos suplícios aplicados pelos capangas do Major Consilva.

² Segundo Walnice Nogueira Galvão (1978), os sinais de pertença indicam uma apartação para melhor e é sinal de eleição. Pode servir à anagnórise no seu sentido mais literário, recurso para que a personagem seja reconhecida em circunstâncias difíceis, elemento indispensável na composição do enredo das tragédias e comédias gregas, mas, mesmo aqui é mais freqüente o reconhecimento por meio de um objeto, anel ou amuleto, do que por uma marca no corpo. Aristóteles, quando fala “Das quatro espécies de reconhecimento”, na *Poética*, põe numa mesma categoria, que considera como a mais inábil de todas, aquele que depende de sinais exteriores, sejam eles marcas na carne, manifestações da natureza ou objetos.

E aí, quando tudo esteve a ponto, abrasaram o ferro com a marca do gado do – que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência -, em imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. Mas recuaram todos, num susto, porque Nhô Augusto viveu-se, com um berro e salto, medonhos. (ROSA, 2001, p. 376).

A passagem é preñhe de significados. A começar pelo local do corpo em que Augusto é marcado: a nádega direita. Em toda a liturgia cristã, o lado direito é associado ao divino, como no “Credo” católico, em que Jesus está sentado à direita de Deus:

Outro sinal de predestinação e de santidade está, como não poderia deixar de ser, em João Guimarães Rosa, alicerçado num curioso paradoxo: ao ser marcado na nádega direita, Nhô Augusto exprime claramente o sentido de que mesmo aquilo que é considerado baixo, desprezível, repudiado e rejeitado pelos homens, pode muito bem ser elevado a uma grandeza e representar uma aliança aos olhos de Deus. Se não fosse assim, como explicar o ato da circuncisão? Além disso, Matraga só revive a partir do momento em que o triângulo dentro de uma circunferência é inserido em seu corpo. Logo, o homem pulando para dentro do abismo já é outro, totalmente diferente do anterior.

Com relação ao triângulo propriamente dito, sabemos que seu significado é altamente cristão, pois é um sinal clássico que lembra a Santíssima Trindade, e dele se tem notícia, gráfica ou verbal, desde os primeiros séculos do cristianismo. Segundo Walnice Nogueira Galvão, o triângulo é um:

antiquíssimo símbolo ternário em todas as civilizações pré-cristãs, o triângulo pode significar duas linhas de força produzindo uma outra, a resultante da tensão entre o positivo e o negativo; ou a natureza tresdobrável do universo entre o divino, o humano e o natural; ou a idéia da família, com pai, mãe e filho; ou a relação entre corpo, mente e espírito; ou a Terra, o céu, e o ar que medeia entre ambos. (GALVÃO, 1978, p. 44)

O triângulo que Matraga recebe em seu corpo está inscrito em uma circunferência. Com relação a essa circunferência, vale também ressaltar que possui significados ligados ao cristianismo, pois ela é um dos primeiros grafismos humanos, encontrada em forma de desenhos toscos desde os membros da comunidade pré-histórica que habitavam em cavernas. Assim sendo:

Em todas as religiões e em todas as seitas esotéricas, como a Cabala e a Alquimia, a circunferência e o círculo significam conceitos tão amplos e tão abstratos quanto à eternidade, o universo, a divindade, a perfeição, alguns dos quais ela compartilha com o triângulo. (GALVÃO, 1978, p. 47)

Com efeito, a religião cristã postula um só Deus em três formas diferentes, nas três pessoas da Trindade. Assim, Deus é considerado trinitário, e da mesma forma para o cristianismo, o ser também será trinitário e portador de uma marca divina, que também será triádica. Tal marca, presente na carne de Matraga, nos mostra sinais de transcendência e predestinação, principalmente pelo fato de em seu emblema estarem inscritos, triângulo e circunferência, um dentro do outro e ambos expostos a um mesmo ponto central. Provavelmente, tais sinais demonstrem uma certa ligação íntima com o seu destino.

Segundo as crenças do cristianismo, o triângulo é um dos primeiros pontos fundamentais e indiscutíveis de doutrina religiosa da Igreja, pois, na Liturgia, quase tudo é repetido três vezes. O louvor e o culto a essa Trindade, de acordo com o evangelho de Cristo, aproxima o batismo a uma grande realização, sendo este tido como um acontecimento dignificante.

Neste sentido, pode-se afirmar que Augusto nasce e morre duas vezes, ao ser batizado (primeiro nascimento), ao ser espancado pelos jagunços de Consilva (primeira morte), ao ser marcado, leia-se, rebatizado com o triângulo em brasa

(segundo nascimento) e, finalmente, ao se entregar ao martírio no final do conto (segunda morte). Em síntese, Matraga transpõe minuciosamente todos os segmentos de santidade, e, ao empenhar-se para ser uma pessoa inteiramente consagrada à prática da ascese e penitência, renuncia à sua propensão ao fazer o mal. Vejamos como isso se coloca na narrativa rosiana.

Augusto Matraga é um guerreiro, mas, no momento da morte se tornará santo. Difícil para ele foi reconhecer seu destino, pois ele também se revoltava contra o tormento; mais difícil ainda foi ler honestamente aquilo que estava marcado em sua carne, o sinal de Deus. O evangelho diz que servimos a Deus por prazer e que não é por força nem violência, mas pelo Espírito de Cristo que habita em nós. Nhô Augusto teve que passar por esse sofrimento também como uma forma de “pagar”, digamos assim, pelos seus atos, estando ele ainda em vida. E seu martírio intensifica ainda mais essa ligação com o Altíssimo, já que “[...] O martírio identifica os mártires com o Cristo, porque, como ele, se submetem ao sacrifício para chegar ao pai”. (GALVÃO, 1978, p. 45).

Essa submissão ao sacrifício, entretanto, não foi abnegada aprioristicamente. Destacamos que Augusto é um guerreiro e, lembrando as figuras medievais, estão presentes em sua constituição, como opostos, o princípio iracundo e o princípio religioso (o pai violento reproduzido, e a avó, que o criou, religiosa e rezadeira, desejosa de fazer do neto um padre). Todavia, o ato da ferração com a marca do triângulo iniciará o árduo caminho da compreensão da marca do destino. Talvez se Nhô Augusto tivesse desde cedo seguido o desejo de sua avó, não teria, por um lado, passado por nada disso. Por outro lado, o destino de Matraga era esse, e o que temos que passar, ninguém passa em nosso lugar.

As figuras geométricas, circunferência e triângulo, inseridas em Matraga, possuem da mesma forma um:

[...] estatuto igual e oposto. Igual, porque ambas são, a mesmo título, figuras primárias da Geometria Plana. Oposto porque a circunferência, constituída por um número infinito de pontos, enquanto círculo, tem tendencialmente um número infinito de lados, e o triângulo, um número mínimo possível de lados para constituir uma figura geométrica. (GALVÃO, 1978, p. 60).

A marca de Matraga, é, com efeito, uma “pintura cristã, designando um segmento de assimilação da capacidade e de realização pessoal do indivíduo no mundo, confirmada como assinatura de Deus” (GALVÃO, 1978, p. 61).

De qualquer forma, convém distinguir que o nome próprio Matraga perde-se insignificadamente no texto, que narra a história de um homem desequilibrado, percorrendo a pé a difícil vereda da santidade, alcançada somente no momento de seu falecimento: até então ele não era Matraga. O que se afirma aqui é que Matraga foi um nome concedido a Nhô Augusto como sendo merecimento por sua bravura e sua vitória final, concernente à sua peregrinação, à sua positiva e tão sacrificada redenção, ou seja, a recompensa. Casos parecidos acontecem em todas as passagens bíblicas mais conhecidas: Abrão, que passa a se chamar Abraão; Jacó, que passa a se chamar Israel; Simão, que passa a se chamar Pedro; Saulo, que passa a se chamar Paulo.

Vale lembrar ainda a trindade, ou melhor, as trindades que perpassam por todo o enredo. Se Augusto tem três nomes (Matraga, Augusto Estêves e Nhô Augusto), outros elementos estão escondidos no texto denunciando a linhagem santa do protagonista.

Matraga também vive em trios. Compõe um primeiro trio com as duas prostitutas na praça, outro com a mulher e a filha. Mais um com o casal de pretos que o socorre, com quem passa a viver e que se tornam seus novos pais; ainda outro com seu Joãozinho Bem-Bem e o velho, entre os quais se interpõe.

A trilogia mítica dos ritos de iniciação – morte, renascimento e vida – reaparece aqui em sua forma cristã, de pecado, penitência e redenção, ou inferno, purgatório e céu. A uma vida de pecado se sucede uma morte aparente, seguida por uma ressurreição para uma nova vida, prefiguração da passagem da vida terrena para a vida eterna através da morte do corpo e salvação da alma. (GALVÃO, 1978, P. 63).

Em resumo, a uma vida pecaminosa se sucede uma suposta morte, seguida por um renascimento para uma nova vida, uma representação da passagem da vida terrena para a vida eterna através da morte do corpo e salvação da alma. É por isto que Augusto não poderia, em nenhuma hipótese, morrer espancado pelos homens do Major, tampouco sua queda no abismo poderia ser letal.

Se Nhô Augusto tivesse morrido ali na estrada à beira do precipício ou no fundo dele, teria ido direto para o inferno, por consequência de seus muitos pecados e por ser um pecador não arrependido, segundo os Atos dos Apóstolos de Cristo: “arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que, na presença do Senhor venham tempos de refrigério” (Atos, 3,19). Portanto, sua quase-morte não foi um aviso, foi uma última oportunidade de redenção. O caráter de morte e ressurreição, de solenidade religiosa de iniciação, de novo nascimento, é salientado em todo o trecho que vai da quase-morte à ressurreição da saúde do corpo.

Outras trindades que aparecerem ao longo do texto e que, ao lado do triângulo, reforçam sobremaneira o caráter santo de Augusto, são elencadas por Galvão:

[...] um jagunço ficou no exército três anos, a saracura grita três vezes, três potes, e assim por diante. Importa reter aqueles que são significativos para o conjunto da história. Assim, por exemplo, a metáfora da cobra, na conotação cristã associada ao mal, ocorre três vezes. Nas duas primeiras, é Matranga que a ela é comparado. Quim Recadeiro, ao fazer o resumo do que os outros andam dizendo de Matranga, usa a expressão “cobra má”. E a preta prestativa diz, ouvindo o que Matranga revela no delírio, que ele é “ruim feito cascavel barreada em buraco”. Na terceira vez, quando Matranga no gesto do santo-guerreiro talha seu Joãozinho Bem-Bem, os intestinos deste último é que se comparam: “um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre”. (GALVÃO, 1978, p. 64).

Estes sinais, tradicionalmente, são atribuídos à Santíssima Trindade e apontam também para uma circularidade do conto, onde os eventos se dariam em um tempo mítico, já acontecido, inscrita na vida de Matranga, através do nome em que o herói começa como Matranga e que após viver como Nhô Augusto, termina Matranga; e também através de seu percurso, pois ele surge em Murici e, depois de longa peregrinação e penitência, recai nos arredores de Murici. Mas esta circularidade também é ternária, representando os sinais dessa trilogia nos vários signos do conto, como já citados acima: no ciclo mítico, a que sua existência marcada se destina (morte, renascimento e vida), e nos vários trios que Matranga compõe até a cena decisiva onde, lutando com Joãozinho Bem-Bem em defesa do velho, ele cumpriria sua marca e morreria na alegria do mártir.

Vale ressaltar que a morte simbólica de Nhô Augusto é fortalecida pela reflexão do major Consilva: “Não tem mais nenhum Nhô Augusto Esteves, das Pindaibas, minha gente?!.../ E os curandeiros, em coro:/ - Não tem não! Tem mais não!...” (ROSA, 2001, p. 375). Mais tarde é Matranga quem vai afirmá-lo, quando, já outro homem, localizado e identificado por Tião da Thereza, pede-lhe que mantenha em segredo que está vivo:

Não é mentira muita, porque é a mesma coisa em como se eu tivesse morrido mesmo... Não tem mais nenhum Nhô Augusto Esteves, das Pindaíbas, Tião... (ROSA, 2001, p. 384)

Os tormentos, as amarguras de Matraga, não somente os do corpo, mas também da alma ao perceber quanta perversidade fizera, são reputados como uma apresentação do inferno, cuja existência, Deus, em sua infinita misericórdia, consentiu, para que se consagrasse a salvação de sua alma: “Você, em toda sua vida, não tem feito senão pecados muito graves, e Deus mandou estes sofrimentos só para um pecador poder ter a idéia do que o fogo do inferno é!...” (ROSA, 2001, p. 385). Ele teve uma segunda chance, estava mesmo predestinado ao martírio e à redenção. Invocando a Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e Espírito Santo, “- Epa! Nomopadrosfilhospritosantamêin! Avança cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...” (ROSA, 2001, p. 410), assume o ato final de seu destino e reconhece que chegou sua hora e vez. Aqui há um paradoxo: o bem que pode sair do mal.

Porém, o caminho do reconhecimento de sua hora e de sua vez, de seu destino de santo não poderia dar-se de modo tranquilo. Também na forma de trindade existem as tentações. E é nessas tentações que a imitação de Cristo, salientada por Galvão, começará a mostra-se. Examinemos a primeira dessas tentações.

No episódio em que Tião da Thereza chega a Tombador, Augusto sofre a primeira tentação:

Tião da Thereza ficou bobo de ver Nhô Augusto. E como era casca grossa, foi logo dando as notícias que ninguém não tinha pedido: a mulher, Dona Dionóra, continuava amigada com seu Ovídio, muito de-bem os dois, com tenção até em casamento de igreja, por pensarem que ela estava desimpedida de marido; com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescera sã e se encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida, seduzida por um cometa, que a levava do arraial, para onde não se sabia... O Major Consilva

proseguia mandando no Murici, e arrematara as duas fazendas de Nhô Augusto... Mas o mais mal-arrumado tinha sido com o Quim, seu amigo, camarada, o pobre do Quim Recadeiro – “Se alembra?” – Pois o Quim tinha morrido de morte matada, com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida:... jurou desforra beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no canguçu detrás da moita e ficou morto [...]. (ROSA, 2001, p. 384)

Podemos imaginar o que notícias como essas fariam na natureza de um homem cuja natureza sempre fora violenta. É obvio que Augusto tem vontade de fazer alguma coisa, tem vontade de voltar a ser quem era, usando a força e dando cabo de seus inimigos, limpando, desse modo, sua honra. Ainda mais quando Tião diz que não havia, de fato, mais nenhum Augusto Estêves. Era preciso agir, mudar o rumo dos acontecimentos. Aliás, não fora justamente por meio da ação modificadora que Cristo fora tentado no deserto pela primeira vez?

Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo.
E tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome;
E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães.
Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. (Mateus, 4. 1-4).

Não obstante alegar vergonha, Augusto, imitando Jesus, consegue vencer essa primeira tentação. Outras duas estariam em seu caminho, ambas diretamente ligadas a Joãozinho Bem-Bem. Eis a segunda tentação:

Mas, depois de montado, o chefe ainda chamou Nhô Augusto, para dizer:
- Mano velho, o senhor gosta de brigar, e entende. Está se vendo que não viveu sempre aqui nesta grotta, capinando roça e cortando lenha... Não quero especular coisa de sua vida p'ra trás, nem se está escondendo algum crime. Mas, comigo, é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? (ROSA, 2001, p. 396).

A resposta de Nhô Augusto vem na forma de uma leve admoestação: “Não me tenta que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem”. (ROSA, 1946, p. 396). Resposta que pode ser comparada à dada por Jesus ao diabo quando da segunda tentação no deserto: “Não tentarás o Senhor teu Deus”. (Mateus, 4. 7).

A terceira tentação de Matraga é ilustrada, na parte final do texto, pela arma de fogo de Juruminho, recém abatido. Mais uma vez se insinua a imitação de Cristo: a carabina representa o poder, o mesmo poder que o demônio prometera a Jesus, mas não um poder espiritual, e, sim, dos domínios do mundo material.

Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a gloria deles.
E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.
Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor Deus adorarás, e só a ele servirás. (Mateus, 4. 8-10).

Aceitar as armas de Juruminho significaria aceitar de volta os valores do mundo e da vida anterior de Augusto. E não foi para isso que ele chegou até onde chegou. Nesta fase do conto ele está em paz, é um homem novo, renovado pela fé em Deus e está completamente ciente de que tem uma missão para cumprir. Sua hora há de, mais cedo ou mais tarde, chegar. Matraga apenas ainda não sabe quando nem como. Por este motivo, ele rechaça, ao modo firme de Jesus, o tentador: “ – Não posso [...] Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais [...]. (ROSA, 2001. p. 407).

Entretanto...

Foi prova grande conviver com a jagunçada. Os brios ainda mornos, o velho gosto de briga, atiçando, reacendendo cinzas. Sabor de safadeza menina, hábito velho passa em qualquer buraquinho. Respirando as Pindaibas e sua febre, Nhô Augusto namorava tudo: o caminhar marchado de Tim Tatu-tá-vento, os bíceps de Epifanio, a agitação ágil repimpa de Juruminho que, inchado com a apreciação

de Nhô Augusto, conta e demonstra as marcas das lutas. Nhô Augusto, a brasa toda queimando, suspenso no clima, se levanta e organiza os homens, um na frente, recruza o segundo, terceiro, quarto, solta fogo, salta supetume “com o pau escrevendo e lendo, arma de fogo debulhando, homem mudo gritando”, e ganha a guerra. (DIAS, 1984, p. 90).

É claro que não é da guerra dos jagunços que se fala aqui; não foi para este fim que Augusto Estêves veio ao mundo e recebeu a marca do divino, mas ele até compreende que não continuará vivo, sua morte precisará, sem dúvida, do selo da coragem e do despojamento, precisará passar por muita renúncia e entrega.

A palavra “mártir”, em definição de dicionário, designa aquele que morre por um ideal. A Bíblia nos conta histórias de muitas pessoas que passaram por essa situação, sempre, porém, com a promessa de alcançar a salvação num plano espiritual superior, e, o próprio Jesus durante seu famoso “Sermão da montanha”, abençoara os perseguidos por causa dele:

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós. (Mateus, 5. 11-12).

São poucas as passagens da Bíblia em que metáforas bélicas são utilizadas para se referir ao trabalho de evangelização. Cabe ressaltar, ainda, a chamada de atenção de Paulo: ele previne seu pupilo de que sofrimentos hão de vir, mas que ele deve resistir como um guerreiro. A dor será reduzida a nada quando vier a recompensa, que é ter a alma salva, e quando for possível desfrutar da companhia de Cristo no Reino dos Céus.

Augusto Matraga era um indivíduo de má índole, que sofreu o despojamento de seus bens e de sua honra de homem; foi amparado por um casal de pretos,

passou um período de intensa vida religiosa, renunciando a todos os prazeres mundanos, recuperou-se do ponto de vista físico e espiritual, passou por tentações e as venceu, “Nesse estágio, o herói atinge um pleno domínio do eu, afastando-se do mundo material e despojando seu coração de todo ódio, angústias e dissabores” (FREITAS, 2003, p. 210). No entanto, ainda falta alguma coisa, justamente a hora e a vez. Em outras palavras, falta completar a missão, falta ter uma causa por que morrer.

Elenita de Sousa Freitas, em seu artigo *Os (des) caminhos do herói – uma leitura de A hora e a vez de Augusto Matraga* (2003), ressalta a ambiguidade do heroísmo de Augusto Matraga.

O percurso do herói é marcado por acentuadas transformações. Nele, alto e baixo se conjugam e se revertem, revelando a pluralidade do ser, numa trajetória ambígua, em busca de seus próprios valores. O conto se mostra como um lugar de realização possível do eu, na proporção de sua existência pessoal. (FREITAS, 2003, p. 208).

Ela apresenta uma análise do conto que precede uma visão do herói e de sua trajetória marcada pela ambiguidade e pela busca de valores por parte da personagem principal. A autora passa pelos principais momentos da vida de Augusto Matraga e se detém nos mais importantes deles, com o objetivo de expressar as faces do protagonista em cada momento da narrativa; faces que se fundirão no desenlace do texto e formarão o caráter de incompletude humana.

Para a autora, a vida de Augusto é constituída de estágios que se vão alternando e se sucedendo com diferenças marcantes. De rapaz gastador e dado a arrumar confusões na juventude, aproveitando-se da influência política e do poder econômico do pai, “Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco da Embira”

(ROSA, 2001, p. 363), passa a ser conhecido como Nhô Augusto, homem respeitado, perigoso, a subjugar todos a seu bel-prazer, para, logo depois, viver um período no anonimato e na “santidade”, após ter sido surrado pelos capangas do Major Consilva, um adversário local, e, finalmente, ressurgir em sua máxima força ao se defrontar com seu Joãozinho Bem-Bem, assassinando-o e morrendo em seguida. Associada a essas passagens se pode observar uma identificação com os heróis mitológicos, que, em sua iniciação, têm de enfrentar inúmeras barreiras e transpor toda a sorte de provas. O processo de Augusto liga-se, nesse sentido, às suas quedas, sua humilhação, seu despojamento e posterior ressurgimento com uma consciência modificada, apesar de ser transformada apenas nos fins e não nos meios.

A queda no precipício é um momento chave. Os homens do major Consilva espancam Nhô Augusto a tal ponto que ele é dado como morto. Não obstante, no derradeiro momento, Matraga, mesmo arrebatado fisicamente, tem um desesperado esforço de preservação da vida e pula no abismo, numa clara representação de auto-aniquilação. Porém, veremos, mais adiante, que essa auto-aniquilação é, tão somente, uma preparação para o retorno do Augusto de outrora. “A compreensão simpática do “eu” reconstrói o homem interior por inteiro, em categorias estéticas compassivas, para uma nova existência, numa nova dimensão do mundo” (BAKHTIN, 2000, p.118).

O protagonista não morre; é amparado, semimorto, por duas figuras, uma protetora, mãe Quitéria, e outra serena, pai Serapião, que, auxiliado por um sacerdote, transmite ensinamentos acerca do controle da natureza e da modificação do caráter através da religião. Para Freitas neste momento Matraga está:

Em sintonia com Deus, ele morre para o pecado e renasce para uma vida de oração, preocupado apenas com a salvação da alma. Esse momento é considerado como o estágio da purificação do eu, em que os sentidos são purificados e tornados humildes, e as energias e interesses, concentrados em coisas transcendentais. (FREITAS, 2003, p. 210).

Começa aqui um breve momento de expiação de pecados, e Augusto chega a ter uma perspectiva de uma vida tranquila, pacífica.

No entanto, tem início, na personalidade de Matraga, uma intensa luta: de um lado, a nova realidade de amor e de dedicação ao próximo e, de outro, um descontentamento com essa condição e certa nostalgia do passado guerreiro: “Tem horas em que fico pensando que, ao menos, por honrar o Quim, que morreu por minha causa, eu tinha ordem de fazer alguma vantagem... Mas tenho medo... Já sei como é o inferno [...]”. (ROSA, 2001, p. 387).

Tal conflito de consciência do “santo” em que Nhô Augusto se transformara, é de suma importância, pois significa um estágio de preparação para sua virada. Virada que será selada com o enfrentamento de Joãozinho Bem-Bem. Entretanto, é bastante curiosa a forma como Rosa constrói os, digamos, preparativos para esta virada, que pode ser interpretada como uma atitude heróica de Augusto, mas não em sua totalidade.

Elenita Sousa (2003) destaca a semidivindade do protagonista pelo fato de ele utilizar um jumento como meio de transporte, numa alusão a Jesus Cristo. Além disso, o povo diz: “Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mor de salvar as famílias da gente!” (ROSA, 2001, p. 412). Só que não podemos esquecer o conflito que já se vinha passando no íntimo de Matraga. Lembremos de sua vontade de vingar a morte de um companheiro e de seu pavor do inferno. Ora, alguém que

se tornou santo, uma pessoa despojada de qualquer instinto violento, não teria esses lampejos de vingança.

Cabe ressaltar, ainda, que Matraga não se deixa levar pelo impulso de matar os responsáveis pela morte de Quim unicamente por medo do inferno. Talvez, se não lhe tivessem transmitido uma alta carga de religiosidade, ele voltasse a pegar em armas com os mesmos intuitos de antigamente.

Augusto Matraga passa, então, a esperar por sua vez e tem plena convicção de que ela, cedo ou tarde, chegará. No desfecho, ao se deparar com Joãozinho Bem-Bem, prestes a matar um ancião, Augusto percebe que chegou a sua hora e sua vez, mas esta hora e esta vez estão diretamente ligadas à violência que ele, de fato, jamais havia esquecido. Todavia, como o medo do inferno caminha ao lado da vontade de voltar a “fazer vantagem”, nas palavras do próprio protagonista, não há outro caminho se não ressurgir na figura de um guerreiro herói.

Augusto mata Joãozinho para morrer em seguida, dado como santo pelas pessoas. Porém, essa santidade também é ambígua. Não há nenhuma garantia de que a personagem principal não voltaria a ser a pessoa perigosa e temida; afinal de contas, quando sai pelo mundo ele está atrás de sua hora e vez. Corroboram para a ambiguidade a presença de um velho conhecido de Augusto na cena final. O homem o reconhece na velha forma e aparentemente não se admira; chega a ter um ar do tipo: sabia que logo o santo deixaria de lado a santidade e voltaria a ser o Nhô Augusto de sempre, deixando claros os vários descaminhos na construção dos personagens, no universo rosiano.

Essa ambigüidade só se justifica porque Augusto consegue contemplar seu outro “eu” (ele se iguala a Bem-Bem), pois reflete no outro aquilo que, em parte, ele era também. Segundo Bakhtin (2000), “a contemplação estética e o ato ético não

abstraem o fato de que o sujeito desse ato e dessa contemplação ocupa na existência em lugar único”. Matraga se identificava com Joãozinho Bem-Bem e com seus valores, tanto que pede a Bem-Bem que morram juntos como cristãos. Augusto assume o horizonte do jagunço e funde-se a ele, só retornando a ser ele mesmo ao pedir perdão a Dionóra e filha; aí reside a atividade estética: ao retornar a si, ele acaba por se completar, como aponta Bakhtin:

A atividade estética propriamente dita começa justamente quando estamos de volta a nós mesmos, quando estamos no nosso próprio lugar, fora da pessoa que sofre, quando damos forma e acabamento ao material recolhido mediante a nossa identificação com o outro, quando o completamos com o que é transcendente à consciência que a pessoa que sofre tem do mundo das coisas, um mundo que desde então se dota de uma nova função, não mais de informação, mas de acabamento: a postura do corpo que nos transmitia a sua dor tornou-se um valor puramente plástico, uma expressão que encarna e acaba a dor expressa e num tom emotivo-volitivo que já não é o da dor; o céu azul que o emoldura tornou-se um componente pictural que traz solução à dor. (BAKHTIN, 2000, p. 46).

Os vários descaminhos nos estágios da vida Augusto Matraga, segundo Freitas, mostram uma modificação que poderia ser denominada como sendo alquímica. Se na alquimia o chumbo se transformará no mais nobre dos metais, o ouro, Nhô Augusto, de assassino se transforma em soldado de Cristo a partir do momento em que compreende que religiosidade sem causa não tem uma finalidade em si mesma. Fazer seu protagonista trabalhar com o intuito de castigar o corpo, mortificar a carne e negar a essência humana não se encaixariam com a capacidade de Guimarães Rosa, de esmiuçamento da alma e dos paradoxos humanos. Nas palavras de Elsa Oliveira Dias:

Não mais uma fé tornada recitada, prescrita.
Mas uma fé tornada um confiar que renova tudo: desde um projetar-se que se espraia em horizonte aberto e que recupera um passado

do qual ele se apropria e faz desembocar em ação própria. Modelado na fé cristã, esse confiar terá essa formulação; porque ele escapando, crescendo, da mera formulação, adentra a descida com o mistério. Nhô Augusto é – e se torna por obra de seu crescimento – religioso: re-liga, reúne – em sua andança errante – o mundo, suas coisas, sua gente, Deus. Que não está mais do lado de fora, juiz. Mas colabora com ele no trabalhar seu existir. (DIAS, 1984, p. 107):

Eis a grande transformação na mente de Augusto, trabalhada com maestria por Rosa. Ele entende, como Paulo pretende que Timóteo entenda, que é permitido realizar atos que nem todos consideram, se o que está em jogo é uma causa. Dessa forma, é possível ser um guerreiro a serviço de Cristo e combater em prol de seu nome. A sensação de paz que disso resulta é indescritível. Augusto experimenta uma intensa alegria, uma sensação de liberdade que nunca se havia apoderado de sua pessoa até então. Porém, se examinarmos o conto com mais minúcia, perceberemos que a felicidade no momento da partida já se vinha anunciando antes. É o que frisa Dias (1984, p. 86):

E, de repente, em Nhô Augusto, muito sono e muita fome. Trabalhar é leve e nem precisa mais sacudir a cabeça para espantar as lembranças ruins. Nhô Augusto, fazendo graça, achando graça na natureza. De graça. Atento a ela, que como ele, se alarga e graceja. O dia está cheio de alaridos. Que Nhô Augusto escuta. Uma natureza exuberante de ruído-vida.

Em meio a essa redescoberta da beleza da existência, Augusto é acometido a uma sensação que há muito não vinha à tona: a vontade de fumar. Isso representaria uma recaída, uma volta ao passado? Muito pelo contrário. Antes, o cigarro representava um lugar social, uma marca do jagunço, algo sem o qual um homem de ação, violento como era o Augusto Estêves das Pindaíbas, não poderia passar. Agora, o cigarro tem a ver com o início da tomada de consciência de sua

natureza e de seu verdadeiro objetivo neste mundo. É como se diante da beleza da vida e de uma pulga atrás da orelha, isto é, diante de uma estranha certeza de que mesmo que fumasse ou tomasse uma dose de aguardente, isso não afetasse sua condição de homem ressuscitado para uma vida de servidão. Servidão de coração e não por castigo.

E só então foi que ele soube de que jeito estava pegado à sua penitência, e entendeu que essa história de se navegar com religião, e de querer tirar sua alma da boca do demônio, era a mesma coisa que entrar num brejão, que, para a frente, para trás e para os lados, é sempre dificultoso e atola sempre mais. (apud Dias, 1984, p. 93)

Estabelece-se o ápice do paradoxo rosiano em Matraga. De homem violento, virou beato e de beato parecia querer renunciar à religiosidade e voltar para a vida de outrora. Pelo menos é esta a impressão que o narrador passa para o leitor. Porém, não é tão simples. Um abandono da religiosidade poderia fazer cair por terra a predestinação e as marcas do divino em Augusto. Todavia, de que lhe adiantaria uma religiosidade imposta como suplício? Não haveria um meio de os dois Augustos, o jagunço e o beato, se unirem num só, formando um ser livre, mas com plena consciência de que tem uma missão a cumprir? Elenita de Sousa Freitas (2003) trata com propriedade esta questão:

As contas do terço e as balas começam a confundir seu espírito e o caminho da salvação se torna penoso, por isso o nosso herói vive um processo de pseudo-redenção. Em seu pensamento começa a germinar uma semente adormecida, regada pelas fortes chuvas. É uma nova metamorfose. O “santo” vai, aos poucos, mostrando um grande interesse pela vida de valentia, visível nos olhos, “que nunca ninguém tinha visto tão grandes nem tão redondos, mostrando todo o branco ao redor” (p. 33). Em sua trajetória essa cena tem grande importância, pois ela significa um estágio de preparação para sua transformação em herói salvador. (FREITAS, 2003, p. 210).

Entretanto, resta resolver a questão da diferença entre mártir e herói, o que responderia à pergunta sobre a possibilidade de Guimarães Rosa poder fundir beato e jagunço num único ser. Ambíguo, mas bem resolvido com sua consciência e em paz com Deus e os homens.

Renato Janine Ribeiro, em seu artigo *Augusto Matraga, a salvação pelo porrete*, (2001), procura respostas. Se de um lado tanto o mártir quanto o herói morrem por suas convicções, o mártir é mais espiritual que o herói e morre somente porque professou sua fé:

[...] no plano dos fins o que distingue o mártir de seu entorno é uma afirmação pura da fé, da religiosidade. Disso decorre que não possa haver dois mártires, simultaneamente, em campos opostos. O mártir opõe as mãos nuas a quem vem o executar. Já o herói geralmente faz uso de armas, e pode, sim, haver heroísmo em lados antagônicos. (RIBEIRO, 2001, p. 203).

Se não pode haver mártires em campos opostos, mártir e guerreiro, nas palavras de Paulo, podem se fundir numa única pessoa. É essa a mensagem que Rosa pretende passar. É por esse viés que a redenção de Augusto Matraga deve ser entendida. Sua tragicidade e sua grandeza residem na combinação das exigências do corpo e da alma.

Matraga é massacrado a ponto de seu corpo se torna o duplo de sua alma, a expressão física da nulidade moral que ele sempre foi. E é sobre esse corpo que lentamente a alma irá gravando uma nova identidade. Durante vários anos ele se empenhará em construir esse encontro da alma com o corpo, ela mandando nele, fraco que ele ficou.” (RIBEIRO, 2001, p. 201).

Segundo Ribeiro, Matraga não era nada ou quase nada, mas por meio de sua penitência torna-se dois, pois adquire uma alma e um corpo. Porém, os dois se

contradizem, pois sua alma é construída represando e reprimindo seu corpo, mas bem ou mal construiu-a.

Com efeito, Augusto opta por defender o bem, mas sangrando e fazendo sangrar. A ambiguidade se acentua ainda mais, pois os gestos que caracterizam os santos não estão relacionados à sua força física, mas à negação do corpo físico. E, certamente, Augusto não o nega, e sim guarda as forças, esperando uma causa pela qual poderá novamente lutar, renunciando à vaidade de antes e se entregando sem pestanejar.

Terminado seu tempo de penitência e vencidas as tentações, Matraga sai para a peregrinação, à romaria de volta ao mundo. Ainda não conhece sua hora e sua vez – a causa pela qual lutar e morrer – mas sabe que estas situações não tardam. Conforme mãe Quitéria lhe havia falado, ele segue montado em um jumento a fim de assimilar os passos da vida de Jesus. Assim, fica conhecido como o “Homem do Jumento”. A imitação de Cristo fica cada vez mais visível. O velho se oferece em sacrifício ao pedir pela vida dos seus. Esse era o papel preparado e destinado para Nhô Augusto.

Esse destino viria a ser apresentado quando ele chega ao arraial do Rala-Coco. Percebendo o movimento incomum de pessoas, Matraga fica sabendo que tal agitação deve-se à presença do bando de Joãozinho Bem-Bem no lugarejo. A tensão vai se elevando, o leitor é levado a imaginar um desfecho clichê, com Augusto se juntando ao bando de Bem-Bem.

Todavia, a sorte e o andamento do conto mudam quando Joãozinho manifesta a intenção de matar um dos filhos de um ancião, como vingança pela morte de Juruminho. Nhô Augusto, que até então se mantinha numa posição tácita, assume o controle da situação, não sem antes ser instado a isso pela invocação

divina. Diz o velho: “ - Pois então, satanás, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua força maldita”. (ROSA, 2001, p. 409). Estão colocadas a hora e a vez de Augusto Matraga.

- Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria! E o que vocês estão querendo fazer em casa dele é coisa que nem Deus não manda e nem o diabo não faz! (ROSA, 2001, p. 409)

Toda a sua trajetória adquire sentido pleno. Ora, somente um homem como ele fora, com o peso de seu passado guerreiro, e um homem como ele se tornou, com o conhecimento e a paz alcançados pela fé em Deus, poderia medir forças com Joãozinho Bem-Bem. Mais uma vez se coloca o arquétipo do mártir. Matraga havia vencido as tentações. Estava na hora de ele provar que seria capaz de dar a vida por uma causa. Indo mais além, Augusto reconhece que era um homem sem caráter até aquele momento e que este ato de entrega e de renúncia não só o redimiria de seus pecados como lhe traria a plena consciência de que não teria vivido e morrido em vão.

Matraga ressurgiu naquilo que sabe fazer melhor, no brigador [...] sua velha habitação – ele que, naquela hora, é o santo combatendo o satanás. E o bem e o mal, parecendo tão instalados, desmancham-se na harmonia de um outro sentido. E agora, não se tratava mais ou só de cumprir a lei. Ele mesmo vira isso. Ele sentia esse fogo de ódio da impotência: compartilhando. Sua força de valentão tinha de servir para alguma coisa. (DIAS, 1984, p. 108).

Ao partir para a luta como soldado de Cristo, a alegria de Matraga é a alegria dos mártires, da alma que, encarando o sofrimento, compreende que está próximo de sua integração com Deus, passando pelo sacrifício do corpo. Tal sacrifício só é

aceito sendo oferecido com alegria voluntária. Observamos claramente que Nhô Augusto tem consciência de que é chegada sua hora e vez. Por conta disso não está desesperado ao deparar-se com a morte, afinal ele se flagelara tantos anos por essa finalidade.

De mais a mais, o velho não pediu que ele o ajudasse ou algo parecido fosse se sua condição de “salvador” e voluntariamente se prontificou a morrer por aquela família em um ato heróico, ou seja, de grande coragem. A presença mesmo da família ali, o fato de Augusto ter parado precisamente naquele povoado reforçam ainda mais a predestinação do personagem. Nhô Augusto tinha que enfrentar sua hora e vez e, assim sendo, esse acontecimento teria que vir de alguém usado como instrumento para que se cumprisse o desígnio divino.

No entanto, mais uma vez imitando Cristo, Matraga não odeia seu oponente. De certa maneira ele sabe que, se não houvesse um oponente, sua própria importância seria praticamente nula. E se Cristo não havia condenado seus assassinos, também ele, Augusto, não iria manifestar raiva contra Joãozinho. Afinal, Joãozinho Bem-Bem tem sua ética. Respeita o semelhante, o par, em Matraga. Mesmo com a firme e cruel decisão de vingar a morte do jagunço, existe um raciocínio nisso. Joãozinho matará um dos irmãos do moço, ou seja, a própria família escolheria qual dos moços deveria morrer, e deixar os jagunços violarem suas irmãs. Caso não prosseguisse dessa forma, derrotar-se-ia sua imagem, o respeito que lhe era devido. Não sente alegria nessa realização, tanto que não terá participação no estupro das meninas.

A missão de Augusto Matraga está, portanto, completa. Em mais alguns atos de imitação dos passos de Jesus, ele pede que Bem-Bem se arrependa dos pecados (o perdão de Jesus ao Ladrão Bom) e dá suas últimas recomendações de

perdão à ex-mulher e à filha (como na célebre frase de Cristo: “Pai, perdoai-os, eles não sabem o que fazem”). Alcançar a coroa dos santos mediante o martírio é o objetivo. Em Matraga, porém, o martírio é concebido, também, em dimensão subjetiva: o senso comum entende o martírio como “entrega de si à morte” em favor de outrem; em Matraga, o martírio é “por si mesmo”, pela sua redenção.

Assim sendo, torna-se claro o significado da ambigüidade existente na visão tanto de Renato Janine Ribeiro (2001) como de Elenita de Sousa Freitas (2003) com relação à figura de Matraga, que, para alguns, é considerado mártir, e para outros, herói, “Essa é a síntese possível para Matraga. Ela exige, porém, que morra, a um tempo como mártir e como guerreiro.” (RIBEIRO, 2001, p. 202).

Portanto, diante de tais análises, podemos classificá-lo como sendo os dois, pelo fato de que mártir é aquela pessoa que sofre tormentos ou dá sua vida por uma crença, uma idéia ou uma causa. Em Matraga, crença, idéia e causa se encaixam, lembrando que entra aqui novamente a trindade. Também não deixa de ser um herói, cujo nascimento se deu de um ser carnal para espiritual com grande coragem.

Matraga, evidentemente, não salva a família do ancião apenas por ser um herói “do tipo bonzinho”. É claro que ele também tem em mente sua própria salvação, só que, nesse esforço de salvar-se, tornou-se um instrumento de Deus, a que ele era desde o início; senão não teria recebido a marca na nádega direita. Ao ser marcado com o sinal do triângulo registrado na circunferência, segundo Lopes (1997), Augusto torna-se, então, particularidade de Deus, mas não de qualquer Deus, mas sim do Deus que é processo perseverante, busca de realização de si, da execução do amor, de um Deus que ama e se compadece.

Dessa forma, verificamos que todos os fatos ocorridos na vida de Matraga fazem parte de um desígnio. E este se mostra na própria composição como um todo

do enredo. Lopes (1997) ressalta que, apesar de a primeira visão ser uma narrativa corrida, sem divisões internas, é, mesmo sem mostrar isto claramente, dividida em três partes, que, conforme já mencionamos, condizem com a afirmação, negação e a salvação superior das objetividades conflitantes representadas.

Nessas divisões, temos como “afirmação” a primeira parte da existência de Nhô Augusto, que vive uma vida desregrada, pecaminosa; o importante para ele são os bens materiais e o poder. A “negação” se faz presente na segunda parte de sua vida em que a personagem renega tudo, até a si mesmo, vivendo apenas em prol do próximo e em nome de Cristo. A terceira parte de sua vida é quando chega sua “hora” e “vez”, e a personagem alcança a ascensão de sua alma; morre para o mundo, mas vive para Cristo.

Lopes também mostra que o conto de Augusto Matraga revela uma fenomenologia histórica de três tipos de catolicismo:

[...] o patriarcal e o guerreiro, ligados às classes dominantes, e o popular, que em seu sincretismo próprio representa as crenças e esperanças do povo simples, dos dominados. Existe portanto o catolicismo dos ricos, o catolicismo dos pobres e, a rigor, existe um único catolicismo brasileiro que é o conflito, em busca de síntese, entre todos os catolicismos presentes aqui. E a esta complexíssima realidade que “A hora e a vez de Augusto Matraga” representa de forma admirável. Sua capacidade mimética é tão grande que, lendo-o com atenção, vemos nele o movimento contraditório de todas estas forças presentes na nossa cultura. (LOPES, 1997, p. 89)

No início do conto, Nhô Augusto aparece como deus patriarcal devido ao nome que recebeu no Batismo (significa homem religioso), que é admirado por todos; mas, arbitrariamente, faz o que bem entende; depois aparece como deus sofredor (o próprio povo sofrido), manso e humilde, que busca sua regeneração através dos martírios (deus popular) e, por último, o guerreiro (deus do poder); no

primeiro encontro com Bem-Bem, no qual a simpatia é mútua, Matraga sonha com o Deus valentão; ao se encontrarem pela segunda vez, dá-se o confronto entre os deuses: a casa do fazendeiro (deus patriarcal), Joãozinho (o deus guerreiro) e o pobre velho, que implora misericórdia para o filho (deus popular). Os dois primeiros são deuses da morte, o outro, o deus da resistência, da vida.

Ao analisar todas as coisas acontecidas com Nhô Augusto, segundo Lopes (1997), nenhuma delas ocorreu por acaso. Não foi por conta do acaso que ele se relacionou com a prostituta que tinha por namorado o capiauzinho de cabelo na testa, predestinado a ajudar os capangas em sua execução; também não foi por obra do acaso que sua mulher, Dionóra, decidiu fugir com outro homem, abandonando-o; não foi por acaso que sua filha caiu na vida; também foi não por acaso que seus capangas o deixaram e foram juntar-se a outro grupo, o do Major Consilva; não foi por culpa do acaso que ele caiu perto da casa do casal de pretos que o socorreu; o casal também tinha sido designado para ajudá-lo em sua trajetória da segunda vida que lhe fora dada de presente por Deus. E até mesmo a picada de vespa na orelha de um marruás bravio, não foi por acaso.

Também não foi por acaso que Joãozinho Bem-Bem e seu bando passaram por aquela vila: “- A gente não ia passar, porque eu nem sabia que aqui tinha este comércinho...Nosso caminho era outro.” (ROSA, 2001, p. 392); não foi também por acaso que o burrinho o levou para um novo encontro com os bandoleiros, exatamente no momento em que Joãozinho estava disposto a matar o moço que teve a coragem de enfrentar seus temidos jagunços. “Nós estamos de saída, mas ainda falta ajustar um devido, para não se deixar rabo para trás...” (ROSA, 2001, p. 405).

Na verdade, todos esses “acazos” faziam parte de um plano maior. Augusto estava apenas cumprindo seu destino, ele estava sendo usado como um instrumento nas mãos de Deus.

Augusto foi conduzido, mas o seu sim foi essencial. Enquanto ele não deu o seu sim consciente, enquanto ele não assumiu com liberdade o projeto do amor, este não pôde se realizar enquanto tal, destruindo as estruturas injustas que estavam impedindo a vida de ser. (LOPES, 1997, p. 83).

Matraga foi governado, no entanto sua aceitação foi fundamental. O seu sim se fazia necessário. Enquanto não deu sua sincera aprovação, enquanto ele não tomou consciência do plano do amor, este não se pôde concretizar, extinguindo as estruturas infundadas que impediam o seguimento da vida. Isso só pôde acontecer quando ele excedeu em si todo seu amor próprio, aprovando, inclusive, a morte, com a finalidade de deixar a vida emergir e crescer.

O que na verdade se vê aqui é que, como já apontado, apenas Nhô Augusto poderia executar os atos que realizou com sucesso. É quando ele toma para si a sua cruz e segue alegremente a Cristo, que se configura como a fusão do santo e do guerreiro, do mártir e do herói.

Aceitar a morte para que a vida se torne mais vida, eis o último e maior gesto do amor. A aceitação da morte é a maior demonstração de plena transposição do egoísmo, e a sua não-aceitação é o princípio de todo o conservadorismo. Como em Timóteo, instado por Paulo a estar pronto para ser um soldado de Jesus, a recompensa de Augusto virá em outro plano. Nhô Augusto aceita morrer nesta vida (material) a fim de conquistar uma vida (espiritual) mais plena e prazerosa no céu. A maior força do amor é preservar a vida até o limite e concordar com a morte quando esta se faz necessária: esta é a dinâmica de *A Hora e Vez de Augusto Matraga*,

exposta em diversos níveis, figurados e simbólicos, do “amor que faz carne e habita entre nós, do cristianismo como força histórica que quer ajudar a vida chegar à plenitude”. (LOPES, 1997, p. 84).

É natural que, em uma primeira leitura do conto, se tenha a impressão de que a história envolve um homem mau e nada religioso, cuja violência é a única linguagem que conhece. No entanto, devido a uma série de acontecimentos infelizes em sua vivência, transforma-se em um homem bom e justo. Porém, é preciso se despojar do mundo, almejar a salvação e a glória, sim, mas no plano espiritual. Neste sentido, Matraga torna-se um católico devotado, porém com recordações de seu passado violento – como expõe sua ilustre frase, “Pra o céu eu vou, nem que seja a porrete!” (ROSA, 2001, p. 385). Contudo, essa religiosidade ferrenha, mas castradora, não resolve seus conflitos.

A resolução virá pela visita de Joãozinho Bem-Bem. Assim que ele põe os olhos em Nhô Augusto, se familiariza com ele; “os dois homens reconhecem-se no mesmo ethos, na mesma grandeza e violência” (RIBEIRO, 2001, p. 195), na verdade, seu espírito jagunço reconhece que o espírito de Nhô Augusto também havia sido jagunço em algum momento de sua vida, ou seja, falando no lado espiritual, mítico dos acontecimentos, os espíritos de ambos se comunicaram, logo que se cruzaram. Aqui mais uma vez vemos que o destino de ambos está interligado, a ponto de existir no mesmo instante entre eles uma familiaridade positiva. É também curioso observar que, uma canção dos homens de armas diz que “o terreiro de casa não se varre com vassoura; varre com ponta de sabre, bala de metralhadora [...]” (ROSA, 2001, p. 396) – a lembrar o porrete para entrar no céu. Matraga sente saudade dessa vida, porém a reprime.

O confronto, que se esboça entre dois modos de ser, o guerreiro e o santo, agora se cruza no desígnio de duas éticas. Apesar de Joãozinho Bem-Bem, o coronel jagunço, em honrada postura, fazer-lhe o convite a juntar-se ao seu grupo, Matraga enfrenta-o, salva os moços, e morrem os dois. Entretanto, morrem como amigos, reconhecendo que, embora desunidos na peleja, mantinham alguns valores indispensáveis.

Dessa forma, se é desse mundo (força material) ter-se por principal préstimo uma afirmação de si, é da religião a abnegação e a entrega total a Deus (força espiritual). Disso sucede um enfrentamento persistente entre dois conjuntos de préstimos: um que considera muito este mundo, (Joãozinho Bem-Bem) e outro que estima o além (Nhô Augusto); um que enaltece, e outro que rebaixa.

Assim, o que aqui se pretende postular é essa oposição de forças: mesmo em um domínio onde não haja regras, no qual a violência predomine e, por conta disso, o desejo do mais forte se inflame em arbítrio, em abuso do poder, mesmo ali existe uma espécie de auto-regulação dessa força.

O hábito excessivo do poder (força material) parece desenvolver, ele próprio, uma regra interna. “É a regra... Senão, até quem é mais que havia de querer obedecer a um homem que não se vinga gente sua, morta de traição?... É a regra” (ROSA, 2001, p. 408). Essa é a honra do personagem que tem por nome Joãozinho Bem-Bem. O “bem” repetido, levado à segunda autoridade: existe nome mais indiscreto para um senhor da morte?

Todavia, seu Bem-Bem não é Matraga. A personagem-título do conto não admite contenda alguma, regra nenhuma: também perdera suas mulheres e seus homens; sua transformação fizera dele outro homem. Estabelece-se um uso da

crueldade que enobrece, e outro que rebaixa; difícil é diferenciar uma e outra. Mas é por esse vão que passa a diferença entre Joãozinho Bem-Bem e Matraga.

A preferência oferecida a Matraga é por ele fazer parte novamente da vida jagunça, como ligado ou partidário dela, companheiro privilegiado de Joãozinho Bem-Bem; uma vida tão nova quanto à escolha da vida de santo que fizera havia tantos anos! Entre o guerreiro e o santo, a escolha não é entre o passado de crimes e o futuro neste mundo e, mais tarde, no além, na salvação. Passado e futuro não se opõem, mas dois futuros, ou melhor, seu presente cristão e um possível futuro mais emocionante, objetivando o além, ao lado de Cristo.

Além disso, Matraga era um homem, no início, sem valores, sem caráter. Era valente, porém de uma coragem que não ia além do hábito excessivo da valentia. Já Joãozinho Bem-Bem, ao contrário, era um homem de caráter. Por isso é fundamental o embate dos dois no final do conto. A estratégia narrativa é demonstrar que a fé de Matraga se completaria com o caráter adquirido convivendo com Joãozinho. A partir deste, Nhô Augusto junta as peças do quebra-cabeça, percebe que tudo ali não passa de uma situação colocada por Deus e se entrega ao martírio.

Matraga entende o que poderia ter sido caso tivesse encontrado Bem-Bem antes, porém não se dá por satisfeito com essa alternativa. Com o bando de Joãozinho, Nhô Augusto, no máximo, seria um jagunço com algum caráter, no entanto, ainda assim, um jagunço, assassino e, portanto, sem a perspectiva de ser um soldado de Deus e salvar sua alma.

Por fim, é complicado compreender e aceitar que haja alguma honra em pessoa que use a violência, transgredindo todos os valores morais que respeitamos, independentemente da disposição religiosa que seja. Mas aqui estamos falando de

uma ética peculiar. Joãozinho Bem-Bem, como instrumento do desejo de Deus, foi tão redentor para Matraga quanto à religião o foi. Portanto, não se deve pensar que Joãozinho represente a recaída de Matraga; na verdade, ele faz parte do plano da redenção, peça importante para o confronto final.

Compreendemos, pois, toda a construção de João Guimarães Rosa com relação aos estágios da vida de Augusto: primeiro, Matraga foi um homem sem bom senso; depois, foi massacrado: seu corpo tornou-se uma massa informe, assim como tinha sido sua alma em tempos passados. Ele foi “entrega o corpo à destruição, porque com isso consolida e exalta sua alma” (RIBEIRO, 2001, p. 201). E é sobre esse novo corpo que sua alma vai se regenerar. Se Nhô Augusto não tivesse levado essa surra pelo Major e seus capangas, o conto teria tomado um rumo muito diferente, a começar com a execução de sua mulher, Dionóra, e de seu amante; as outras vinganças, com certeza, viriam sucessivamente.

Entretanto, não é essa a saída do autor, não será essa a forma escolhida por Rosa para trabalhar a ambiguidade humana e também a possibilidade daquilo que consideramos torpe poder ser elevado aos olhos de Deus. Augusto Matraga protegeria a importância da alma, com as armas do corpo.

O martírio pelo heroísmo, o céu conquistado pelas armas, a salvação vinda da ponta do porrete. Matraga, que nunca tivera consideração pelos outros, ao vislumbrar essa mescla de si mesmo e do outro [...] pode enfrentá-lo e salvar-se – salvando Joãozinho, também [...]. Tivemos então três níveis de conduta na história, a violência desregulada do primeiro Matraga, a violência regulada e honrada de Bem-Bem, e finalmente a violência subordinada ao bem: é o que permite, no final, serem recuperados todos os elementos da honra belicosa, só que integrados no bem moral e religioso. (RIBEIRO, 2001, p. 208).

Segundo Bakhtin (2000, p. 54), “não é na categoria do eu mas na categoria do outro que posso vivenciar o aspecto físico como valor que me engloba e me acaba, e devo insinuar-me nessa categoria para ver a mim mesmo como elemento de um mundo exterior”, e é nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória. “A individualidade não teria existência se o outro não a criasse; portanto, a memória estética é produtiva, pois gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano de existência” (BAKHTIN, 2000, p. 55).

Portanto, Augusto protegeria o bem, sangrando e esfaqueando. Essas seriam as conseqüências possíveis para Matraga. Porém, elas requerem que morra como mártir, e nesse momento final de união esboçada ao crime, é que ele encontra a salvação.

“Cumpre sair de si mesmo se se quiser libertar o herói para o movimento livre de seu caráter de acontecimento no mundo” (BAKHTIN, 2000, p.126).

2.3. O Outro (dentro de si)

Segundo Roberto da DaMatta (1987), a renúncia engendra uma forte individualização; assim, individualizar significa desvincular-se dos segmentos tradicionais como a casa, a família, o eixo das relações pessoais como meios de ligação com a totalidade. Matraga individualizou-se ao abandonar sua sociedade.

Dumont (*apud* DaMatta, 1987) ao comparar um “eu” social e um “outro” de dois indivíduos afirma que, antes de existir ou fazer parte de alguma relação social, é somente num processo de individualização que se há um processo coletivo.

Weber (*apud DaMatta, 1987*) observa que as idéias e os dogmas teológicos eram marcados por uma conduta de vida baseada no ascetismo; portanto, o asceta rejeita o mundo. Dessa forma, Matranga (que é o próprio Esteves) rejeita a vida mundana (mesmo tendo vivido boa parte dela) e dedica-se arduamente ao trabalho da salvação.

No entanto, Matranga é pessoa e indivíduo; enquanto pessoa, é concebido como ser preso à totalidade social e não está necessariamente ligado a si mesmo (aqui o todo é mais importante que as partes); enquanto indivíduo, é concebido como um ser autônomo, independente e individualizado. E cada um lança mão desses papéis, dependendo da situação.

Matranga é um personagem de muitas faces, rejeita o espaço social com suas alternativas predeterminadas para criar seu próprio universo, visto que renuncia a uma ordem estabelecida. O personagem passa por processos de transformação definidos pela seqüência de nomes que recebe: Augusto Esteves, Nhô Augusto e Augusto Matranga. O primeiro é o homem neutro; o segundo é o homem de dominação; e o último Matranga (o indivíduo) é o renunciador, uma espécie redentora e sintética dos outros dois (DaMATTA, 1987).

“Em uma designação a-histórica, o homem neutro serve apenas para marcar sua posição como indivíduo num registro jurídico” (DaMATTA, 1987, p. 121), substituto de Nhô Augusto, que é insignificante e vazio socialmente, que demonstra o caráter de dono de gado e de gente; Augusto Matranga apresenta um outro papel social: um indivíduo que é inverso a Nhô Augusto, mas que, enquanto indivíduo, aponta para o mundo da renúncia, pois, ao renunciar ao ethos sertanejo presente na sua sociedade original, torna-se um “indivíduo fora-do-mundo”.

Entretanto, é necessário colocar o percurso desenvolvido na transformação de Nhô Augusto, o prepotente, o poderoso, para o papel de Matraga: Nhô Augusto passa de manipulador dos recursos da ordem a instrumento da paixão, em uma alusão à troca de consoante em seu nome “Matraga” (para matraca, instrumento divino que anuncia a morte); então passa a trilhar o caminho do Bem em oposição ao Mal. Ele parte e peregrina pelos sertões, troca de nome e subordina-se ao casal de pretos que residia num casebre e que lhe dá abrigo. Ao encontrar o bando de jagunços, pensa em vingança, mas renuncia a ela, como aponta DaMatta:

Através da vingança é que o indivíduo resgata o passado pela dramática batalha que se faz em um ajuste de contas. Inibindo sua vingança. Matraga rompe com os elos de reciprocidade e desfaz definitivamente o mecanismo que o prendia à sociedade, ele se torna indivíduo, precisamente porque deixa de retornar, finalmente recusando assumir pela vingança sua posição complementar numa hierarquia (DaMATTA, 1987, p. 326).

Nhô Augusto vai deixando lento e progressivamente seu passado para trás, abandonando o processo de vingança “como se o herói fosse descobrindo quando vai se transformando em Matraga, que está livre e não preso a uma contraprestação de honra devida a sua comunidade original” (DaMATTA, 1987).

Ao desistir da vingança, acaba por se vingar da própria moral vingativa. Matraga morre indivíduo “fora-do-mundo”, um renunciante, não voltando mais à sociedade na qual estava inserido, mas a um “universo inventado”, num plano cósmico (DaMATTA, 1987, p. 323).

O nome Matraga revela a marginalidade de quem vagou como um indivíduo no meio dos pobres, da natureza e dos banidos, recusando-se, como faz um verdadeiro renunciador, a retornar ao mundo de onde partiu e no qual tem direitos concedidos pelo indivíduo, um mundo não complementar, mas paralelo, quando a posição é definida pelo desempenho: “pelo que se faz e não pelo que se herda” (DaMATTA, 1987, p.318).

Para DaMatta (1987) Matranga transforma-se em um “indivíduo fora-do-mundo” e só se consolida enquanto tal com a renúncia a uma estrutura hierárquica, estrutura essa nas quais são estabelecidas relações necessárias de subordinação e complementariedade entre as duas partes e, renunciando a tudo, funda uma “nova sociedade” como uma “disciplina de libertação”.

Para ele é importante colocar que o ciclo social dos renunciadores fica aberto e fecha-se apenas no plano místico, quando “este mundo” e “esta vida” se ligam finalmente ao outro mundo e à outra vida pelo duro caminho da renúncia, como seu gesto final da reciprocidade.

Para Nietzsche (1992) o ser autêntico é autor ativo de seu enredo existencial e deverá ser capaz de criar novos valores. O Deus que Matranga cria é a materialização do efeito de sua própria vontade de poder. Ele cria uma perspectiva pessoal que adornada por valores cristãos torna-se extramoral por natureza. Há nele uma maldade inocente que pretende uma redenção não de seus pecados, mas dos fatos que o impedem de realizar-se plenamente. Age dessa forma porque não tem consciência do ato em si, todas as suas atitudes são instintivamente tomadas, pois não tem noção exata da dimensão de seu projeto e do alcance de sua superação.

Matranga não queria ser um servo de Deus e sim reinar nessa sua Terra prometida (idealizada por ele). Seu maior inimigo é ele mesmo porque toda sua ideologia é somente uma denominação e explicação de sua vontade de potência em busca da ereção do ser (NIETZSCHE, 1992).

Fato este que vem confirmar o pensamento de Heidegger (1999, p.189) “um homem verdadeiramente sábio não é aquele que persegue cegamente uma verdade, mas aquele que conhece todos os caminhos: o do ser, do não-ser e o da aparência”.

Isto explicaria que a força existencial da personagem está em sua vontade indelével que o levou ao caos, ao caminho do não-ser, a ponto de ser reduzido a quase nada. Em seguida, persegue a sua redenção através de coisas que o faziam tomar consciência de si enquanto parte de uma totalidade. Sua atitude heróica (enfrentar Bem-Bem) limparia sua honra, transformando-o em autor de seu destino como parte importante de um elo entre sua vontade de poder e uma vontade maior do todo; a mentira que Matraga cria acaba sendo sua própria realidade autêntica.

CONCLUSÃO

A pesquisa sobre o conto rosiano desenvolveu-se a partir de alguns pressupostos que fundamentaram os processos de análise do discurso literário.

A hora e vez de Augusto Matraga é uma história rica em alegorias e questionamentos de cunho universal, que nos fazem refletir acerca de eternos conflitos interiores e exteriores vividos pelo ser humano. Narra a história peculiar de um homem do sertão de Minas Gerais, e assim como toda a obra de Guimarães Rosa focaliza o regional do meio interiorano.

O conto trata dos grandes problemas e mistérios que envolvem o homem em sua interação com a natureza e com a sociedade. A interpretação da obra literária se beneficia quando focalizamos o tema e as imagens privilegiadas que podemos ter com outros textos, como os da Sagrada Escritura, na qual encontramos relatos sobre o despojamento de bens materiais como um componente do maior contato com Deus, mostrando-se, assim, pertinentes para fundamentar a análise e alcançar os objetivos propostos.

A análise comprovou que o conto sustenta-se na regeneração do ser, cuja percepção auxilia a melhor compreender a dualidade da alma humana, do ponto de vista universal, e sua interação com princípios morais e religiosos no contexto de uma região do interior brasileiro no início do século.

Guimarães Rosa mostra por meio de sua personagem que, mesmo quando um ser envereda-se por maus caminhos, com seus vícios e suas condutas condenáveis, ele pode alcançar o equilíbrio e ser bem sucedido no objetivo de encontrar a si, completando-se esteticamente, como uma pessoa que é capaz de dar a vida em prol de seu semelhante.

Augusto Matraga, no conto, encontra a si por duas vezes: uma, após a sua queda no abismo, passando a viver segundo o Evangelho de Cristo; e a outra, quando está em penitência, descobre repentinamente que podia fumar sem perder na fumaça o caminho percorrido, uma vez que este já se tornara vida sua. Gesto simples o de agarrar a responsabilidade com sua própria existência. O mesmo gesto que lhe vai permitir, logo depois, deixar a enxada de lado e pôr-se a caminho, “sua hora e a sua vez”.

Olhando o conto rosiano no que tem de mensagem religiosa, é inegável, como já dissemos, perante toda essa análise que realizamos, a intertextualidade desse texto com os episódios bíblicos, com várias personagens da Bíblia Sagrada e com outras histórias da vida de santos e mártires cristãos à procura de sua hora e sua vez, que, com certeza, vieram a fazer parte da bagagem intelectual do autor.

Alguns personagens bíblicos como: Saulo de Tarso, Moisés, José, conforme já mencionamos, decidiram viver na pobreza e seguir os passos da Paixão de Cristo, pregando amor a todas as criaturas e obediência a Deus -, e, por muitos exemplos parecidos ao longo do cristianismo, percebemos que Matraga pode ser considerado como um predestinado, um mártir, um santo do sertão mineiro. Mais do que isso, percebemos que os desígnios divinos estão acima de qualquer convenção humana, visto que, mesmo os homens de reputação mais baixa, podem ser escolhidos por Deus para servirem de instrumentos de uma mensagem; o trabalho com este interessante paradoxo será a matéria-prima de Rosa na construção de seu conto.

Matraga ao ser abandonado pela família, ao perder todos os bens para seu maior rival, Major Consilva, é humilhado e ainda espancado e deixado à beira da morte, porém escapa dela, mesmo porque sua hora e vez não tinham chegado.

A partir do total despojamento e da redução de sua pessoa a uma massa quase inerte de carne, Nhô Augusto vai tendo, cada vez mais, um contato com a compreensão de seu eu espiritual. Não sem ser tentado inúmeras vezes, mas logra sucesso em todas as ocasiões em que suas pernas vacilam. Assim, como José, Moisés e Jesus, igualmente, não tiveram vidas fáceis, no entanto cada um tinha consciência de que um papel de destaque estava guardado para eles.

Assim, mesmo quando as tramas sociais e simbólicas, construídas nas representações que atravessam nossa civilização, reconhecem em Augusto Matraga uma história exemplar, na qual ele é o lugar privilegiado da alienação, da reconstrução simbólica dos mitos, da marginalidade social e da mística da religiosidade sertaneja, mesmo essas tramas possuem no meio de seus espaços uma possibilidade traçada, uma atenção confiante para que, um homem perdido na indiferença possa e deva sempre decidir o que fazer do tempo de seu fim.

A hora e a vez de Augusto Matraga se relacionam com o salvamento da alma, que é alcançado quando do entendimento de que, até então, ele fora um homem sem caráter. Na medida em que seu caráter se firma, ele tem a permissão de Deus para voltar a usar armas e matar; afinal de contas, um bom propósito estava por trás disso: a salvação da família de um pobre senhor de idade avançada. A satisfação de Matraga em seus derradeiros instantes de vida é a dos que verdadeiramente são admitidos por Deus na galeria dos homens santos. Sendo assim, Nhô Augusto pode, pela primeira e, paradoxalmente, última vez em sua vida, descansar em paz.

No entanto, ao duelar com Joãozinho Bem-Bem, Matraga duela com seu ideal, com o ideal de toda a sua vida, o ideal de seu corpo, de sua formação. Se o Matraga da primeira fase foi menos que Bem-Bem, o do final se iguala a ele, mesmo

que tenha encontrado sua redenção através da matança: o jagunço fala mais alto que o santo.

Nesse enfoque, é possível perceber que a trajetória de Augusto Matraga é ambígua, que reproduz o ciclo mítico-religioso antigo. Ele tem uma existência que se modifica de maneira notável: de demônio a santo, de santo a demônio/quase herói. No início, não apresenta rival à altura (nem o Major Consilva); torna-se menor que Joãozinho Bem-Bem e na luta final, fica igual a este, formando a dualidade que se dissolve no caos, no sertão mineiro. Matraga, então, ao morrer, se transforma em um herói comprometido com o próprio homem, e os diferentes estágios (transformações do “eu”) acabam confirmando a incompletude do ser humano.

É uma narrativa que se organiza em torno das oposições. Primeiro, tem-se a tese, fase da vida do protagonista marcada pela valentia e desrespeito às pessoas; negando o primeiro, tem-se a antítese, marcada pelo período redentor, e depois, o pólo da afirmação (síntese), que unifica as duas características de sua personalidade, concretizando sua totalidade, ou seja, a fase em que se torna um juiz bondoso e justo.

Assim, Rosa retrata alguns aspectos do universo cultural do sertão nordestino: o sociológico, com a política do coronelismo, que detém o poder e governa o destino das pessoas violentamente; o imaginário-religioso, tendo a conversão e a penitência como caminho da purificação/redenção; o ético-ideológico, definido pela noção de honra que marca o caráter das personagens e, por fim, o conceito de pureza, no qual os desejos carnis devem ser rejeitados para se atingir a conversão (purificação da alma).

Enfim, parafraseando uma visão bakhtiniana, se é possível (re) construir quem somos sócio-historicamente, por meio da interação que estabelecemos com o

outro frente à certa realidade, isso significa que podemos sempre atribuir novos sentidos e uma nova liberdade ao modo como interpretamos a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **O roteiro de Deus: dois ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Mandarim, 1996.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Bíblia Sagrada - Português. Tradução João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1993.

BRASIL, Assis. **João Guimarães Rosa**. São Paulo: Nova Aguilar, 1969.

BRAIT, Beth. **João Guimarães Rosa**. São Paulo: Nova Aguilar, 1988.

BLOOM, HAROLD. **Shakesperare: a invenção do humano**. São Paulo: Objetiva, 2000.

CANDIDO, A. **Tese e antítese: ensaios**. 3.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

COUTINHO, Eduardo de Faria. (Org.) **João Guimarães Rosa: ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983.

DaMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DIAS, Elsa Oliveira. **Ser e tempo em Augusto Matraga: Veredas de hora e vez**. 1984. 296 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984.

FRANCO, Maria Sylvia de C. A Vontade Santa. **Revista Transformação**, n.º 2, Dep. de Filosofia, Artes, UNESP, 1975.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Matraga: sua marca. In: _____. **Mitológica rosiana**. São Paulo: Ática, 1978.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche: Metafísica e Niilismo**. Trad. Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

HERNANDES, Neusa Maria Alveno. **Intertextualidade e Mito – Em “A hora e vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa**. 2000. 82 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

LOPES, Paulo César Carneiro. Pobres e Ricos - a antítese fundamental. In: _____. **Utopia cristã no sertão mineiro**. Uma leitura de *A hora e vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O desespero humano (doença até a morte)**. Tradução Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LIMA, João Gabriel de. **Gênios de Papel**. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/190400/p_146.html>. Acesso em: 24 jun. 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERRONE-MOISÉS, LEYLA. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RIBEIRO, Renato Janine. Augusto Matraga, a salvação pelo porrete. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JÚNIOR, Benjamin (orgs.). **Personae: grandes personagens da literatura brasileira**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

ROSA, JOÃO GUIMARAES. A hora e a vez de Augusto Matraga. In: _____. **Sagarana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

_____. A terceira margem do rio. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

_____. Grande Sertão: Veredas. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

WILLIAMS, William Carlos. **Many loves and other plays**: The collected plays of William Carlos Williams. New York: New Directions, 1961.

WILLER, Cláudio. Allen Ginsberg, poeta contemporâneo. In: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas (1953 – 1960)**. Tradução Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM Editores, 1984.

YAMAUTI, Nilson Nobuaki. A barbárie resultante da ausência de um estado Democrático de Direito no mundo de Augusto Matraga. In: _____. **Literatura e sociedade**. Universidade de Maringá, Departamento de Ciências Sociais, Maringá (PR), 2005.

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewPDFInterstitial/201/149>